



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS FRONTEIRIÇOS**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL**

RAMONA TRINDADE RAMOS DIAS

**A MORADIA DOS BOLIVIANOS EM CORUMBÁ-MS:
SINGULARIDADES DO ESPAÇO FRONTEIRIÇO**

**CORUMBÁ - MS
2010**

RAMONA TRINDADE RAMOS DIAS

**A MORADIA DOS BOLIVIANOS EM CORUMBÁ-MS:
SINGULARIDADES DO ESPAÇO FRONTEIRIÇO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento, ordenamento territorial e meio ambiente

Orientador: Dr. Edgar Aparecido da Costa

CORUMBÁ - MS

2010

RAMONA TRINDADE RAMOS DIAS

**A MORADIA DOS BOLIVIANOS EM CORUMBÁ-MS:
SINGULARIDADES DO ESPAÇO FRONTEIRIÇO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Aprovada em 16/04/2010, com Conceito APROVADO.

BANCA EXAMINADORA

**Orientador: Dr. Edgar Aparecido da Costa
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)**

**1º avaliador: Drª Rosa Ester Rossini
(Universidade de São Paulo)**

**2º avaliador: Dr. Milton Augusto Pasquotto Mariani
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)**

À Deus:

Senhor supremo de todo o universo e de todas as pessoas. Minha fortaleza e de quem sou filha muito amada e infinitamente agradecida por tantas e tantas bênçãos recebidas, uma delas a obtenção deste novo conhecimento, que me torna co-responsável nas mudanças possíveis na sociedade, ainda que minha contribuição seja ínfima. Ilumina-me Senhor e guia minha mente, meu coração e meus passos para que esta minha realização humana seja um caminho de compartilhamentos e me levem a trilhar com coragem e sabedoria o desafio das transformações. Porque tudo que de Ti recebo não é somente meu, mas um presente que devo partilhar com outros.

AGRADECIMENTOS

O Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal do Pantanal foi a porta que se abriu para um novo horizonte, repleto com perspectivas de transformações na sociedade corumbaense, pela possibilidade propiciada em abrir caminhos para que pudéssemos olhar a fronteira Brasil-Bolívia sob um novo ângulo: de compartilhamento e solidariedade. Sinto-me honrada em integrar a primeira turma deste mestrado.

Nunca estamos sozinhos em qualquer caminhada, porque a todo o momento estamos recebendo algo de alguém, sob as mais diferentes maneiras. Meu agradecimento sincero para todas as pessoas que direta ou indiretamente me incentivaram ou participaram nesta minha trajetória, se fizeram presentes, que se preocupou, que foram solidárias, que torceram por mim:

A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul pela política de qualificação de seus servidores técnico-administrativos e ao Departamento de Ciências do Ambiente e Direção do Campus do Pantanal, que oportunizaram o meu afastamento para que pudesse dedicar-me exclusivamente ao mestrado, contribuindo, dessa forma, para o meu desenvolvimento profissional e também pessoal.

Aos professores que trouxeram seus conhecimentos, suas experiências e dedicação que foram determinantes para esta formação acadêmica e a aquisição de nova maneira de olhar a fronteira, especialmente Brasil-Bolívia.

A Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul pela concessão da Bolsa de Mestrado, cujo auxílio foi relevante para a realização desta pesquisa.

Aos meus pais Roman (in memorian) e minha mãe Trindade, alicerces fundamentais em minha formação, bases que sustentam o meu Ser. Mãezinha, minha primeira e principal incentivadora para a realização de um curso de Mestrado. Ao meus irmãos: Norma e Maria Auxiliadora, pelo incentivo e carinho e Heraldo (in memorian) pelo ensinamento de vida e cuja presença é forte em meu coração.

Ao meu esposo Antonio Carlos que me acompanhou em minhas “viagens”, pacientemente, levando-me a fronteira para a captação das fotos e me ouvindo nos momentos de euforia, quando me punha a falar, falar... Obrigada por estar comigo.

Aos meus filhos, amadíssimos e especiais, principais fontes de força e de minha metamorfose! Laurinha, Carolzinha e Rafa, nada teria sentido sem vocês. Dinah, você já faz parte desta “turminha”. Obrigada “crianças” porque somos espelhos um para outro.

As colegas docentes e técnico-administrativos pela torcida e pelo carinho com que sempre me incentivaram.

Ao Prof. Dr. Marco Aurélio Machado de Oliveira, pelo estímulo e pelas contribuições oferecidas na banca de qualificação, proporcionando discussões e sugestões que me auxiliaram no aprendizado e crescimento deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Milton Augusto Pasquotto Mariani, pelo incentivo e carinho e, também, por ter integrado a minha banca de qualificação, cujas contribuições foram importantes para o meu conhecimento e avanço nesta trajetória.

Ao Prof. Me. Roberto Domingos Galeano, pela atenção, pelo incentivo e colaboração no anteprojeto para a seleção neste curso. Não me esquecerei da sua atenção.

À Prof^a. Teresa Cristina Varela Brasil, pela atenção e apoio que foram importantes para a fase seletiva para a prova de proficiência em língua estrangeira.

À Prof^a. Dr^a Wadia Schabib Hany, por me incentivar e auxiliar em diversos momentos para a elaboração desta dissertação.

À Rosilvânia Melgar Saucedo pelo apoio na realização das entrevistas, essenciais para a realização da pesquisa.

Aos colegas de mestrado, pelo convívio, pelas discussões em sala de aula e nos grupos, que facilitaram o aprendizado coletivamente. São momentos que sempre serão lembrados com carinho.

À Edna e Laura, parceiras desta caminhada que aprendi a conhecer e que já fazem parte de minha história e sempre estarão em minhas lembranças.

Às amigas queridas: Edil, Eunice, Lecir, Luci e Maria Lúcia. A amizade é um suporte em todos os momentos. Sem palavras!

Aos representantes das instituições vinculadas ao tema de migração, que atenciosamente me acolheram e contribuíram com informações importantes neste processo de, em especial o Pe. João Marcos Cemadon, Coordenador da Pastoral do Migrante em Corumbá, Sr. Juan Carlos Mérida Romero – Cônsul da Bolívia em Corumbá e o Sr. Arturo Castedo Ardaya - Subsecretário de Ações da Cidadania de Corumbá e Presidente do Centro Boliviano-Brasileiro.

O meu agradecimento muitíssimo especial ao Prof. Dr. Edgar Aparecido da Costa, pelo extraordinário desempenho profissional, pelos ensinamentos, pela paciência, pelos momentos compartilhados. O seu entusiasmo e a sua dedicação ao ensino são contagiantes e foram fundamentais para o meu desenvolvimento e para descobertas além de minhas fronteiras.

Finalmente, meu agradecimento sincero e irrestrito a todos os migrantes bolivianos, que gentilmente me ofereceram o seu tempo e a sua confiança ao me relatarem a sua trajetória de vida para, enfim, se estabelecerem na cidade de Corumbá, Brasil. Sem a valiosa participação e contribuição dessas pessoas, trilhar este caminho teria sido difícil de se concretizar. Cada pessoa traz consigo uma história de vida, cada nome possui um rosto e uma alma particular e são as suas experiências e sentimentos que dão significados à natureza, ao espaço e a sociedade. Assim, a história da humanidade vai se compondo e recompondo em todo tempo e lugar. Deus é Fortaleza!

...o mosaico é feito de partes; essas partes se conjugam e compõem uma única peça. São inúmeros e pequenos significados que constroem a trama do mosaico. A pequena peça é fundamental para a construção do todo, e por isso não pode ser negada, separada. Assim somos nós. Se pensarmos no espaço humano em que vivemos como peças de um mosaico, nós entraremos no cerne dos significados que nos constituem: nós estaremos no coração de nosso horizonte de sentido. Quando nos referimos aos significados, nós estamos tratando de realidades materiais e imateriais. Estamos falando do quarto onde dormimos com nossos travesseiros e lençóis, mas também das pessoas que nos rodeiam, dos amores que nos despertam. O quarto nos identifica, mas os amores também. O horizonte de sentido é uma conjugação de inúmeros fatores. A cidade onde moramos, a história já vivida, a casa que nos abriga, os lugares que freqüentamos, os amigos que temos, as crenças que professamos, as relações cotidianas, enfim, tudo isso compõe o nosso mundo particular. É a partir, deste mundo, que enxergamos o outro mundo, que não é somente nosso, mas também nosso, assim como o mirante proporciona ao observador a visão que só é possível a partir de sua posição geográfica.

Pe. Fábio de Melo, scj

RESUMO

A proximidade fronteiriça entre as cidades de Puerto Quijarro-Bolívia e Corumbá-Brasil, suas relações e convivência cotidiana, denotando forte porosidade do ponto de vista dos seus fluxos, suscitou o desejo de compreender a migração boliviana nessa fronteira, seus anseios e, ao mesmo tempo, como se processou a ocupação territorial e a produção de suas moradias nesta cidade brasileira. A moradia, muito além de ser desejada e necessária para a satisfação como abrigo, como teto, está intrinsecamente relacionada ao contexto cultural e social do ser humano. Em sua caracterização sempre estarão presentes traços das suas culturalidades, das subjetividades e das características sociais, econômicas e estruturais da sociedade, portanto, sendo reformuladas nos diferentes contextos espaços-temporais. O objetivo principal desta pesquisa foi conduzir uma reflexão sobre a produção de moradias pelos bolivianos que atravessam a fronteira brasileira para a cidade de Corumbá e observar as singularidades existentes entre essas cidades fronteiriças. Também se procurou investigar a existência de redes de cooperação. O processo investigatório foi conduzido mediante a realização de pesquisas bibliográficas sobre temas como fronteira, migração, território e territorialidades, a fim de se compreender os reflexos dos fenômenos migratórios, em especial aquele relacionado a esta fronteira. Também foram realizadas entrevistas com migrantes bolivianos residentes na cidade de Corumbá, Brasil, orientadas por um roteiro, com questões abertas que permitiram ao entrevistado responder livremente as indagações referentes ao modo e aos motivos que envolveram sua migração para esta cidade. Ao mesmo tempo, foi permitida a livre narrativa de sua história de vida buscando dar vazão às sentimentalidades e reminiscências que pudessem ser apropriadas para indicar toda riqueza do processo. Além disso, foram realizadas interlocuções com representantes de instituições ligadas ao contexto da migração, para a obtenção de informações relacionadas ao processo migratório dos bolivianos. A pesquisa demonstrou que as redes de solidariedade durante a vinda dos bolivianos foram sempre muito marcantes, apesar de negada em seus discursos. É possível creditar essa negação ao entendimento que se faz de cooperação, entendida por eles como algo institucional ou governamental. Foi observado que esses migrantes buscaram, primeiramente, melhores condições de trabalho e, a partir daí, se estruturaram para sua permanência, estabelecendo suas moradias. Independente de suas casas serem próprias ou alugadas se notou um padrão similar de organização, tanto em Corumbá quanto em Puerto Quijarro. Na maioria das vezes, se constatou singularidades na forma de utilização do espaço da moradia percebida nas paisagens, como um território de abrigo e relacionamentos. A forma de organização desses espaços, ora diferentes ora semelhantes vai se constituindo como fatores de similaridades. Ao mesmo tempo em que muitas casas de bolivianos em Corumbá mantêm a estrutura física parecida com as observadas em Puerto Quijarro, outras são construídas como as corumbaenses.

Palavras chave: Fronteira, Moradia, Migração, Territorialidades.

RESUMEN

La proximidad fronteriza entre las ciudades de Puerto Quijarro/Bolivia y de Corumbá/Brasil, sus relaciones y convivencia cotidiana, y la porosidad de los flujos, suscitaron nuestro deseo de comprender la migración boliviana a través de esta frontera, así como comprender los anhelos de la población migrante. Al mismo tiempo, nos proponemos estudiar como se generó el proceso de ocupación territorial y la producción de sus viviendas en la ciudad brasilera. La vivienda, más que objeto deseado y necesario para abrigo y techo, está intrínsecamente relacionada con el contexto cultural y social del ser humano. En los detalles constructivos y espacios de estas viviendas están presentes los signos de costumbres y cultura, además de las características sociales, económicas y estructurales de la sociedad boliviana, condicionadas por los diferentes contextos de espacio y tiempo. El objetivo principal de esta investigación es de levantar una reflexión sobre la producción de viviendas de los migrantes bolivianos en la ciudad de Corumbá, resaltando las singularidades existentes de esas viviendas tanto en la ciudad de Corumbá como en la vecina Puerto Quijarro. Así mismo, constatamos durante el levantamiento de datos, la existencia de redes de cooperación entre estos migrantes. El proceso de nuestra investigación fue realizado mediante levantamiento bibliográfico de temas que tratan de Fronteras, Migración, Territorio y Territorialidad, con la finalidad de comprender nuestra problemática y profundizar el estudio de los fenómenos migratorios específicos de esta frontera. Durante el levantamiento de datos, también realizamos entrevistas con los migrantes bolivianos residentes en Corumbá/Brasil, orientadas por un guión, con preguntas abiertas, que permitieron al entrevistado responder libremente el cuestionario elaborado sobre los motivos que condujeron su migración hacia esta ciudad. De esta manera propiciamos relatos de historias de vida, que nos dieron la oportunidad de conocer detalles subjetivos de este proceso. Además de realizar entrevistas con representantes de instituciones vinculadas al fenómeno migratorio boliviano. En el desarrollo de nuestro trabajo, observamos una fuerte presencia de redes de solidaridad relacionadas con la llegada de nuevos migrantes bolivianos, a pesar de estar omitida en sus relatos. Es probable que esta negación esté relacionada con el apoyo institucional o gubernamental. Constatamos que esta población busca primeramente, mejores condiciones de trabajo y a partir de ello, resuelve su hábitat, constituyendo su vivienda, sea propia ó alquilada. Notándose un patrón similar de organización, tanto en Corumbá como en Puerto Quijarro. En la mayoría de las veces, se comprobó singularidades en la forma de distribución del espacio, en el lenguaje paisajístico, en la forma de utilización del terreno y sus edificaciones. La forma de organizar estos espacios, se va conformando con elementos de similitud. A tiempo de poder observar que algunas casas de bolivianos en Corumbá, mantienen semejanza con las viviendas de Puerto Quijarro y, al contrario, otras viviendas son parecidas a las viviendas de los corumbaenses.

Palabras claves: Frontera, Vivienda, Migración, Territorialidad.

ABSTRACT

The frontier nearness between the cities Puerto Quijarro-Bolivia and Corumbá-Brazil, their relations and day-by-day intimacy, denoting strong porosity from the point of view of their flows, has provoked the desire to understand the bolivian migration in this frontier, their hopes and how the territorial occupation and the construction of their houses were developed in Corumbá. The dwelling, besides being desired and necessary to the satisfaction as shelter and protection, is intrinsically related to the socio cultural context of the human being. In its characterization it will always be present features of their culture, subjectivities, social economical and structural characteristics of society, therefore, being reformulated in different contexts of time and space. The main aim of this research was to conduct to a reflection about the construction of the dwellings by those bolivians who cross the frontier till Corumbá and also to observe the singularities that exist between these two frontier cities. It was also investigated the existence of cooperation nets. The investigatory process was conducted by the realization of bibliographic researches on themes such as frontier, migration, territory and territorialities, in order to understand the reflexes of the migratory phenomena, in special the one related to this frontier. Bolivian migrants that live in Corumbá were interviewed. They were asked open questions so that they could answer freely the questions related to the way and the reasons which involved their migration to Corumbá. At the same time, they were allowed a narrative about the history of their lives, aiming at giving vent to sentimentalities and reminiscences that could be appropriated to indicate the richness of the process. Furthermore, interlocutions were done with representatives of institutions involved with the migration context, to get information about the bolivian migratory process. The research demonstrated that the solidarity nets during their coming were always relevant, although they deny it in their speeches. It is possible to credit this denial to the apprehension on cooperation, which they believe to be something institutionalized, governmental. It was observed that these migrants sought, firstly, better conditions of work and from then on they started to construct a structure for their stay, settling their dwellings. Irrespective of being owners of the houses or rent them, it was noticed a similar standard of organization both in Corumbá and Puerto Quijarro. In most cases, it was ascertained singularities in the way of utilization of the dwelling space, noticed in the sceneries as a territory of shelter and relationship. The way this space was organized, sometimes different, sometimes similar, is constituted as factors of similarities. While many bolivians' houses maintain the physical structure similar to the ones in Puerto Quijarro, others are built as the ones in Corumbá.

Key words: Frontier, Dwelling, Migration, Territorialities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Localização das entrevistas realizadas em Corumbá, em outubro de 2006, por Baeninger; Souchaud (2007).	34
Figura 2. Varanda e quintal: singularidades residenciais de Corumbá, Brasil e Puerto Quijarro, Bolívia.....	41
Figura 3. Reuniões em frente às residências: hábitos comuns dos fronteiriços.	42
Figura 4. Semelhanças na paisagem cultural de Corumbá, Brasil e Puerto Quijarro, Bolívia.....	44
Figura 5. Organização espacial das moradias dos bolivianos, na cidade de Corumbá-MS, Brasil.....	46
Figura 6. Varanda: um local de encontro nas moradias dos bolivianos, na cidade de Corumbá-MS, Brasil.....	47
Figura 7. Similitudes paisagísticas da fronteira Brasil-Bolívia.....	47
Figura 8. Moradia localizada em Corumbá, Brasil, antes e após a sua conclusão, com espaço para a realização de pequeno comércio.....	48
Figura 9. Desfile do Grupo Morenada, na cidade de Corumbá-MS, Brasil, agosto de 2009.....	50
Figura 10. Desfile do Grupo Pujllay, na cidade de Corumbá-MS, Brasil, agosto de 2009.....	50
Figura 11. Andor da Virgem de Urukupiña, em procissão na cidade de Corumbá-MS, Brasil, agosto de 2009.....	51
Figura 12. Gruta localizada na Feira Brasbol com a imagem da Virgem de Urukupiña.	52
Figura 13. Feira Brasbol em Corumbá.....	52
Figura 14. “Vila” localizada nas proximidades da Feira BRASBOL, em Corumbá.....	53
Figura 15. Alguns alimentos típicos da culinária boliviana.....	56
Figura 16. Grupo as Morenadas em apresentação nas ruas de Corumbá.....	57
Figura 17. Ação social para cidadania boliviana de crianças brasileiras, filhas de bolivianos residentes em Corumbá, Brasil.....	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.2 Procedimentos de investigação.....	14
2. MIGRAÇÃO E PRODUÇÃO DE MORADIAS NA FRONTEIRA.....	18
2.1 Territorialidades e migrações fronteiriças.....	18
2.2 A fronteira e as possibilidades de migração.....	24
2.3 Migração, redes sociais e a produção de moradias.....	29
3 TERRITORIALIDADES E MORADIA DOS BOLIVIANOS EM CORUMBÁ-MS.....	36
3.1 Os migrantes bolivianos em Corumbá, no Brasil.....	36
3.2 As moradias dos bolivianos na cidade de Corumbá, no Brasil.....	40
3.3 Os bolivianos que residem em Corumbá e a relação com o lugar de moradia....	49
3.4 Hábitos, costumes, espaços de lazer e interação com a sociedade corumbaense..	54
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICE A	66
APÊNDICE B	75

1 INTRODUÇÃO

A proximidade fronteiriça entre as cidades de Puerto Quijarro-Bolívia e Corumbá-Brasil, caracterizada pela fronteira seca e a estreita relação entre os seus povos, suscitou o desejo de buscar o conhecimento acerca da migração boliviana para o Brasil, bem como o seu relacionamento com e na sociedade local. Além disso, buscou-se identificar de que maneira produziram suas territorialidades para comporem suas moradias.

O objetivo geral desta pesquisa¹ teve como foco a caracterização das moradias dos bolivianos na cidade de Corumbá, estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil, através da investigação de seu processo migratório. Nesse sentido, buscou-se conhecer a sua trajetória nesta cidade e a maneira como estabeleceram e nortearam a fixação de suas moradias. Dessa forma, foram observados os seguintes aspectos: a) comparação das formas de organização do espaço de moradia na paisagem urbana de Corumbá e Puerto Quijarro; b) investigação da atuação das redes de cooperação entre os bolivianos que moram em Corumbá com a Bolívia.

Durante o procedimento de pesquisa bibliográfica foram encontrados pouquíssimos registros sobre o processo migratório do povo boliviano, para a região de fronteira, especificamente para Corumbá, no estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil. Acredita-se que estes primeiros resultados já são suficientes para destacar algumas das peculiaridades que se mostram nesta região fronteiriça, sobretudo no arranjo material das moradias dos bolivianos. Parte-se da premissa de que o migrante carrega em sua bagagem toda uma vivência simultaneamente individual e coletiva, fato que mesclado às novas experiências, transformam o indivíduo, mas também a sociedade na qual ele está inserido. Essa inter-relação do novo com as experiências vividas anteriormente e colocadas num contexto diferente do original, colaboram na formação de uma identidade fronteiriça.

A referência inicial para identificar a localização dessas moradias foram os dados levantados na pesquisa realizada por Baeninger; Souchaud (2007), na qual se constatou que as residências dos migrantes bolivianos estão concentradas em determinados pontos da cidade de Corumbá, especialmente nos bairros Centro, Cristo Redentor, Dom Bosco, Maria Leite e Jardim dos Estados, apesar da existência de residências localizadas em quase todos os bairros.

¹ Esta pesquisa foi financiada pela FUNDECT - Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul.

As reflexões se deram à luz de alguns conceitos considerados necessários para um melhor entendimento do processo de formação das moradias e suas influências no setor habitacional e na paisagem de uma localidade situada em região de fronteira. Os conceitos escolhidos foram: migração, fronteira, territorialidade, redes e lugar.

O trabalho foi organizado em dois capítulos estruturados de modo a permitir, primeiramente, uma reflexão teórica sobre o fenômeno migratório e a produção de moradias em áreas de fronteira e posteriormente apresentar as singularidades da produção de moradia dos bolivianos em Corumbá-MS. Portanto, o primeiro capítulo tratou das territorialidades e as migrações fronteiriças, da fronteira e das possibilidades de migração e dessa associada às redes sociais e a produção de moradias, dialogando com diversos autores de modo a contemplar várias posturas teórico-filosóficas. Tal procedimento permitiu perceber os vários olhares sobre a temática e incorporar elementos de todos eles, no bojo do pensamento complexo (MORIN, 2007), assumido neste trabalho.

O segundo capítulo apresentou os resultados obtidos na pesquisa de campo, trazendo as motivações dos migrantes bolivianos mudarem para Corumbá, no Brasil, bem como a descrição de suas moradias nessa cidade, das suas territorialidades e a relação com o lugar de moradia, dos hábitos e, por fim, os costumes, espaços de lazer e a interação com a sociedade corumbaense.

1.2 Procedimentos de investigação

A fim de caracterizar as moradias dos bolivianos residentes na cidade de Corumbá, foi utilizada uma amostragem a partir da população mapeada pela pesquisa de Baeninger; Souchaud (2007) que, contando com os dados do IBGE (Censo Demográfico de 2000), registrou 789 domicílios com presença boliviana. A amostragem ocorreu nos bairros de maior contingente populacional de bolivianos residentes: Centro (imediações da Rua 13 de junho, na parte comercial da cidade e da Avenida Porto Carreiro, na vila Ferroviária) e Cristo Redentor; além dos bairros de maior concentração espacial: Dom Bosco, Maria Leite (vila MAPLAN) e Jardim dos Estados.

Para a definição das amostras optou-se pela utilização do método de amostragem do tipo não-probabilístico denominado “bola de neve” que consiste na indicação de uma nova amostra, a partir da recomendação do primeiro entrevistado e assim subseqüentemente, até

que fossem atingidos os limites desejados. Foram realizadas 25 entrevistas em residências de migrantes bolivianos, sendo cinco de cada bairro componentes do universo desta pesquisa. Todos os procedimentos éticos foram observados em conformidade com parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da UFMS.

Nos tempos atuais, quando a sociedade procura discutir e superar paradigmas construídos em momentos históricos predecessores e resistentes hodiernamente, os métodos científicos são muitas vezes questionados sobre sua eficiência analítica. De fato, a vida no meio técnico-científico-informacional, cunhado por Santos (1997) impõe novas maneiras de conceber os fenômenos que dificilmente poderiam ser compreendidos à luz de um único método. Nesse sentido, esta pesquisa se propôs analisar a construção do espaço das moradias dos bolivianos em Corumbá no contexto da teoria da complexidade.

Morin (2002) apontou que, na atualidade, as certezas e incertezas do conhecimento e as transformações do mundo contemporâneo, são pertinentes a um contexto planetário, onde se apresentam novos problemas e desafios tornando imprescindível um novo olhar para a busca do conhecimento. Para o autor, não existe uma verdade por si mesma, mas a informação pode estar revestida de diferentes significados em diferentes contextos. Deste modo, é preciso buscar um entendimento global para se compreender o singular, porque fazemos parte de um sistema organizado e interligado em seus mais variados aspectos. O mundo é globalizado e os problemas atuais são concomitantes em todas as partes, embora vivenciados de diferentes maneiras, norteados pelos movimentos e relações de cada contexto.

O pensamento complexo nos leva a perceber as questões do comportamento humano e da sua capacidade de discernir, contextualizar e globalizar as diversas situações. O saber não deve ser seccionado, mas analisado ao mesmo tempo, como um todo e singularmente. É preciso ter em mente a sua dimensão global e as particularidades, num processo simultâneo e dinâmico. A teoria da complexidade não propõe a separação, mas propaga a importância de se unir, contextualizar, mundializar. Ao mesmo tempo em que reconhece a importância das singularidades e individualidades, traz em si o conceito da “cultura da complexidade”, associando-se ao pensamento sistêmico, ao não-linear e ao multidimensional.

Sob a luz destas reflexões é que foram conduzidas as etapas deste trabalho, sempre tendo em mente que em uma área de fronteira, essas singularidades e individualidades se mesclam proporcionado, assim, a construção de uma realidade particular, que neste caso foi estudada com o olhar das Ciências Humanas, mais especificamente de sua área de Geografia.

Inicialmente foram realizados levantamentos bibliográficos em materiais já publicados (livros, teses, dissertações, artigos impressos e *on line* etc.) a fim de sustentar teoricamente os

resultados advindos dos trabalhos de campo. Esses foram constituídos por interlocuções diretas com as pessoas de interesse do estudo, quer fossem os imigrantes bolivianos, representantes de órgãos governamentais e não governamentais que pudessem contribuir com alguma informação referente ao estudo.

As investigações foram realizadas principalmente nos locais com maior densidade e maior presença de bolivianos em Corumbá, o que foi considerado suficiente para se perceber a existência de particularidades e singularidades na forma de produção e organização das moradias nessas cidades.

Os trabalhos de campo foram dirigidos tendo como eixo orientador entrevistas semi-estruturadas composto por questões abertas que permitiram ao entrevistador certa flexibilidade em relação aos questionamentos. Optou-se pela aplicação desta técnica a fim de que houvesse uma padronização das informações, ao mesmo tempo em que possibilitou maiores esclarecimentos em pontos particulares a cada indivíduo entrevistado, uma vez que possibilitou a introdução de outras indagações, conforme foram se apresentando novas situações ou necessidades. Contou ainda, com apoio de uma assistente de pesquisa, acadêmica da quarta série do curso de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPAN), de descendência boliviana. Cabe indicar que esse procedimento favoreceu, sobremaneira, o estabelecimento de contato com os interlocutores desta pesquisa.

Com a intenção de aferir a aplicabilidade da entrevista se adotou como procedimento a realização de algumas entrevistas, na forma de pré-testes. Esse procedimento foi adotado a fim de se buscar o aperfeiçoamento do modelo proposto para entrevista, buscando um melhor direcionamento das questões a serem levantadas. Foi um instrumental de grande valia, pois nessa etapa foi observada a necessidade de alguns ajustes nas proposições iniciais, além de ter proporcionado um treinamento para a realização das entrevistas.

Durante essas entrevistas foram conduzidas investigações acerca da existência de redes de cooperação entre os bolivianos que moram em Corumbá e destes com a Bolívia, a presença da dupla residência (em ambos os lados da linha imaginária do limite internacional), lazer e manifestações culturais.

Para comparação das formas de organização do espaço de moradia dos bolivianos na paisagem urbana das cidades de Puerto Quijarro e Corumbá, dispensou-se a realização de entrevistas com os bolivianos residentes naquele município, uma vez que essas informações foram levantadas nas entrevistas realizadas com os bolivianos residentes em Corumbá. Para a análise dos aspectos físicos das moradias e dos cuidados ambientais na residência (presença de lixo, água superficial etc.) foram realizadas imagens iconográficas das residências de

Puerto Quijarro (inclusive de Arroyo Concepción, distrito daquela unidade municipal), por meio de amostras de diferentes pontos, contemplando a multiplicidade de formas e usos. A escolha se deu pelo aspecto visual, buscando-se observar a diversidade, a fim de posteriormente indicar a unidade dessa diversidade e estabelecer a singularidade de sua organização espacial. Para as residências localizadas na cidade de Corumbá, foram realizadas entrevistas, conforme apontadas anteriormente e a reprodução de imagens fotográficas das residências para a realização dos procedimentos comparativos.

A partir dos resultados das entrevistas e da análise das fotografias se procurou situar as comparações de moradias entre as cidades de Puerto Quijarro-Bolívia e Corumbá-Brasil, observando-se as especificidades a fim de se apontar as semelhanças e os elementos próprios da convivência com os corumbaenses.

A fim de estimar os impactos que a presença dos bolivianos tem produzido no setor habitacional em Corumbá, se buscou entrevistar os representantes dos órgãos que tratam do setor da habitação em Corumbá. Em outras palavras, se procurou indagar dessa relação com o possível déficit habitacional da cidade sob a ótica dos agentes locais da produção da moradia.

Algumas questões foram consideradas relevantes para o conhecimento das nuances que permearam este processo de migração: Qual a motivação desses imigrantes para o deslocamento de seu país? Como e quem foi o contato para a entrada no país (familiares, amigos, trabalho)? De que forma foi agenciado seu transporte? Onde e como se instalaram inicialmente? Como ocorreu a obtenção do primeiro emprego e da sua moradia? São essas inquietações que serão analisadas no decorrer deste trabalho.

A análise desses levantamentos levou em conta a teoria da complexidade, tomando como referência os vários contextos sócio-econômicos na escala global, nacional e local, com seu elemento diferenciador que é a própria fronteira. Dessa forma, as experiências vivenciadas pelos migrantes bolivianos e partilhadas nas entrevistas foram elementos essenciais para a fundamentação deste trabalho e para a organização de uma lógica empírica para a construção científica das informações coletadas.

2 MIGRAÇÃO E PRODUÇÃO DE MORADIAS NA FRONTEIRA

2.1 Territorialidades e migrações fronteiriças

Nas palavras de Golgher (2004), “[...] o migrante é o indivíduo que morava em um determinado município e atravessou a fronteira deste município indo morar em outro distinto”. Partindo deste pressuposto e da relação do ser humano com o meio, com o espaço onde exerce seu caráter relacional, modificando-o de acordo com diferentes contextos, pode-se afirmar que a migração é um importante fator de produção de novas territorialidades.

O ser humano quando se move de um lugar para outro, para outras terras, o faz por não sentir a satisfação de suas necessidades ou desejos. É, assim, muitas vezes impulsionado a buscar novos horizontes, quer seja pelo imperativo da necessidade de sobrevivência, quer seja para a realização de projetos mais elaborados. Nessa acepção, a migração pode ser percebida como uma aspiração do ser humano pelo seu próprio desenvolvimento, em busca de melhores condições e qualidade de vida, podendo ser motivada por diferentes fatores, como: políticos, religiosos, culturais e econômicos. Este último é, provavelmente, o que mais se destaca. O aprofundamento do processo de globalização certamente contribuiu para a intensificação dos fluxos de pessoas interna e externamente à escala nacional. Entretanto, partindo do pressuposto de que o ser humano é um ser social, esses fatores não podem ser analisados parcialmente, uma vez que são pertinentes à vida humana.

O processo migratório envolve mudanças que vão muito além de fatores econômicos, pois a presença de um migrante produz intrínseca interação de culturas e costumes. O contato com o novo não só induz a mudanças no estilo de vida do migrante como também à sociedade na qual se insere, já que ambos se influenciam reciprocamente. Contudo, sua presença provoca a ampliação das necessidades de oferta de moradia e suas conseqüentes variantes: energia, saneamento básico, escolas, creches, saúde etc. Em contrapartida, as trocas de experiências, costumes e culturas diferentes, produzem um hibridismo salutar nas formas de relacionamento com ambiente.

Assim, é incontestável a participação e a influência que esse migrante produz no lugar que o recebe, quer seja nos aspectos funcionais como simbólicos. Nos aspectos funcionais como já mencionado anteriormente, pela necessidade de sua subsistência naquele lugar, ou ainda pela contribuição no campo profissional ou intelectual. No aspecto simbólico, o novo significado que este lugar terá para o migrante e para aqueles que já viviam ali, através do

cotidiano, onde as experiências de vida se manifestam, se trocam e se renovam, recriando o significado do lugar.

Esse é o caráter da territorialidade, como um processo de construção, desconstrução e reconstrução dos espaços. Nas palavras de Costa (2009, p. 63), as especificidades do território “[...] são produzidas historicamente pela capacidade e disponibilidade dos recursos e tecnologia, bem como de acesso a elas pelos diversos segmentos sociais”. A territorialidade pressupõe, dessa forma, um movimento descontínuo uma vez que cada segmento ou sociedade terá distintas formas de se relacionar com o espaço, em função de contextos históricos, culturais, econômicos nos quais estão inseridos, ao mesmo tempo, que se constrói um novo panorama, ainda se vivencia comportamentos passados. Daí se dizer que a territorialidade é um movimento descontínuo, porque na medida em que as transformações ocorrem, podem ser observadas imutabilidades ou mudanças lentas. A territorialidade não acontece repentinamente, mas de uma forma dinâmica, processual.

Neste aspecto Costa (2009) destaca no movimento T-D-R (territorialização – desterritorialização – reterritorialização), que o processo de desconstrução e construção de novas territorialidades ocorre a todo o momento e concomitantemente. Por esse motivo, a presença de um elemento novo (um estrangeiro, por exemplo) vai provocando as transformações cotidianamente. O migrante boliviano em Corumbá foi se adaptando a uma nova realidade, assumindo novos costumes e se integrando em um novo contexto. Contudo, ainda mantém as suas raízes e é essa característica que vai alimentando os processos de modificação do território, muito latente nas regiões fronteiriças, onde as diferenças podem ser percebidas com mais evidências e essa particularidade deve ser considerada para o planejamento de estratégias de desenvolvimento. O mesmo autor destaca a relevância de se considerar “o outro lado” para que se possa implantar um planejamento regional eficiente. Essa questão é de grande importância na região de fronteira, principalmente onde as pessoas transitam livremente, utilizando assim, a infra-estrutura local, como saúde, transporte, lazer. Olhar a fronteira sob a perspectiva do diálogo possibilita o incremento de políticas conjuntas de desenvolvimento.

O SPM (2006), em uma análise sobre as migrações no Brasil, América Latina e Caribe enumerou como principais raízes da migração, que motivaram a mobilidade de pessoas para outras terras, fatores como: acumulação da terra, modernização da agricultura, monocultura, internacionalização da economia, desigual distribuição de renda, considerando-as essencialmente estruturais. Esse Serviço avaliou que ao longo da história esses migrantes foram considerados, equivocadamente, como um problema, necessários e indesejados ao

mesmo tempo, como mão-de-obra, com direitos trabalhistas “flexibilizados”, uma vez que se submetiam a qualquer tipo de oferta de trabalho pela necessidade de subsistência.

Neste sentido, embora essa situação ainda possa ser observada, as mudanças científicas e tecnológicas do mundo contemporâneo podem permitir uma nova modalidade de migração, a temporal ou temporária. Isso se dá quando o indivíduo se desloca para outras terras na busca de novos conhecimentos ou prestação de serviços mais especializados.

De acordo com Golgher (2004), os padrões mais recentes de migração apresentam uma característica bastante diversa, pois se direcionam principalmente dos países em desenvolvimento para os países do primeiro mundo. Concordamos com o autor quando aponta que o mundo se moldou, também, pelas influências das migrações e, com o Brasil não foi diferente, já que a presença de culturas distintas como a dos negros, dos europeus e, posteriormente de outros povos, mescladas aos indígenas nativos delinearão a identidade do povo brasileiro.

Vale ressaltar que se continua verificando processos migratórios em direção aos países menos desenvolvidos. Contudo, a migração não é somente no sentido sul-norte, mas também sul-sul, ou seja, de países mais pobres para mais ricos e entre países em condições semelhantes de pobreza. É possível afirmar que para o Brasil migram não somente técnicos especializados para trabalhar nos serviços mais sofisticados de empresas transnacionais, mas também pessoal com baixa capacidade técnica, especialmente dos países localizados na zona de fronteira.

Reconhecendo a indiscutível participação e contribuições técnicas, culturais, que podem advir da migração de estrangeiros ao país, torna-se imprescindível a implementação de políticas adequadas que atendam suas necessidades básicas, ou seja, infra-estrutura para a produção de alimentação, vestuário, educação, moradia, saneamento básico, saúde etc. possibilitando a esse indivíduo o direito de ocupar o seu espaço sociocultural. Tal apontamento é pertinente já que a presença de um novo elemento traz em si a necessidade implícita em se atender a essas questões, para si e para a sua família, já que muitos retornam a suas origens em busca de seus familiares. Percebendo esse novo personagem como um elemento de troca mútua, se pode dizer que a migração, apesar das dificuldades, pode ser positiva tanto para quem migra como para quem recebe, tendo em vista a integração de experiências culturais, tecnológicas que influenciam no desenvolvimento local.

Bassegio (2004, p. 1) sintetiza o sentido das migrações e a importância de ter um novo olhar para esse fenômeno:

Sabendo que as grandes transformações mundiais sempre foram precedidas de grandes fluxos migratórios podemos antever uma contribuição positiva das migrações para o futuro da humanidade. O fenômeno migratório aponta para a necessidade de repensar o mundo não mais baseado na competitividade, mas na solidariedade; não na concentração, mas na repartição; não no fechamento das fronteiras, mas na cidadania universal, enfim, num mundo baseado não no consumo desenfreado, mas numa sociedade sustentável, onde haja lugar e vida digna para todos.

Sob esta perspectiva se vislumbra o movimento migratório como construtor de novas territorialidades pela coexistência de processos espaciais influenciando e sendo influenciado pelas particularidades de cada um dos atores envolvidos, cujas características específicas interagem com a identidade local, promovendo mudanças significativas que interferem de forma fundamental na dinâmica dessa sociedade.

A presença do migrante implica em ocupação do espaço e conseqüente reorganização do território e, nas palavras de Santos (1997, p. 17) “[...] a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica”. Sendo que as técnicas são um “conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”. Sob esta ótica se pode compreender a inter-relação entre o ser humano, o espaço e suas ações. Dessa forma, os estudos sobre migração devem levar em conta a reminiscência cultural desse migrante, que terá papel preponderante na ocupação do novo espaço e, conseqüentemente, na construção de suas moradias.

De acordo com Raffestin (1993), os homens são os atores responsáveis pela produção e renovação das territorialidades, porque através de suas ações, necessidades e aprendizagem são produtores de transformações. Este autor enfatiza o caráter material e imaterial dos processos sociais que congregam elementos centrais como espaço, tempo histórico, trabalho, memória e a língua, que determinam e renovam identidades. A construção, desconstrução e reconstrução de identidades antecedem a territorialização, desterritorialização e a reterritorialização, uma vez que obedece a diferentes escalas temporais. É conveniente, pois, uma abordagem múltipla do território pela existência de interconexão entre os territórios, que podem ocorrer de forma simultânea e sobreposta numa mesma zona, produzindo uma multiplicidade de atividades, identidades e territorialidades.

Raffestin (1993, p. 143) afirma, ainda, que

É necessário compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator territorializa o espaço.

Deste conceito podemos apreender que territorialidade é toda a ação do ser humano sobre o território, ou seja, toda relação social, política, econômica, cultural que se concretizam nesse espaço, pelas relações de poder, seja governamental ou pela ação da coletividade. Um dos aspectos pesquisados neste trabalho procurou apontar o processo de territorialização dos bolivianos na cidade de Corumbá-MS. Além disso, procurou examinar se houve uma interferência governamental na instalação dos bolivianos em determinados locais da cidade ou se a disposição das moradias ocorreu de forma espontânea e, a partir desta informação, esclarecer se houve influência algum impacto no setor habitacional do município.

No entendimento de Saquet (2007, p. 81):

O território é produzido espaço-temporalmente pelas relações de poder engendradas por um determinado grupo social. Dessa forma, pode ser temporário ou permanente e se efetiva em diferentes escalas, portanto, não apenas naquela convencionalmente conhecida como o território.

Acompanhando esse raciocínio pode-se apreender que o território é o espaço ocupado pelo ser humano, onde realiza suas atividades, sendo que a territorialidade é determinada pelas suas relações, mediatizadas por um determinado grupo social, com o meio. Da mesma forma, essa territorialidade não precisa necessariamente ser permanente, haja vista que o ser humano é um ser social e se desenvolve e se transforma ao longo do tempo. Esse desenvolvimento ou transformações de comportamento influencia na sua relação com a sociedade, produzindo então novas territorialidades. Ou seja, uma produção espaço-temporal, porque ocorre em determinado espaço e varia de acordo as transformações sociais.

Saquet (2007, p. 75) acrescenta que o território é “[...] dessa maneira, objetivado por relações sociais, de poder e dominação, o que implica a cristalização de territorialidades ou territorialidades no espaço, a partir das diferentes atividades cotidianas”. A territorialização é marcada por movimentos de apropriação e reprodução das relações sociais e vai além das relações do poder político, dos simbolismos dos distintos grupos sociais e dos diferentes fatores econômicos centrados em seus agentes sociais. Não se pode esquecer o fator tempo no contexto das relações sociais, considerado como um fluxo contínuo onde o passado, o presente e o futuro podem ser vividos simultaneamente por diversos indivíduos, caracterizando o viver humano em diferentes temporalidades e territorialidades.

Nesse sentido, a territorialidade pode ser entendida como toda a ação ou estratégia do ser humano sobre o território, ou seja, toda relação social, política, econômica, cultural que se concretiza nesse espaço pelas relações de poder, seja individual, governamental ou pela ação da coletividade.

Saquet (2007), também explica que na desterritorialização estão presentes os mesmos componentes da territorialização; ocorrem as perdas e reconstruções, a transformação das relações com o meio, promovendo a reterritorialização. Afirma que os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização estão ligados e se complementam ininterruptamente, não acontecem de forma separada ou individualizada, mas ao mesmo tempo para diferentes indivíduos. Ou seja, não há uma descontinuidade, mas a reprodução de aspectos inerentes à vida diária, como as questões econômicas, políticas e culturais. A reprodução e transformação dessas relações contextualizadas em momentos, períodos e lugares de forma complexa e heterogênea são os movimentos de desterritorialização e reterritorialização.

Essa visão é igualmente compartilhada por Haesbaert (2005, p. 6774), quando apresenta uma crítica ao discurso de desterritorialização e sugere uma nova discussão sobre a “[...] complexidade dos processos de (re)territorialização em que estamos envolvidos, construindo territórios muito mais múltiplos ou, de forma mais adequada, tornando muito mais complexa nossa multiterritorialidade”. É fundamental a distinção dos conceitos de “múltiplos territórios” - condição necessária para a manifestação da multiterritorialidade – e multiterritorialização, que significa o romper das condições que, podem ser tanto simbólicas, com a destruição dos símbolos, marcos históricos, identidades; quanto concreto, material - político e/ou econômico, pelas destruições de antigos laços nas fronteiras econômico-políticas de integração.

Haesbaert (2005, p. 6774) afirma que “[...] território, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional ‘poder político’. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação”. Este autor cita Lefebvre², que distingue apropriação de dominação (“posse”, “propriedade”) – o primeiro sendo um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do “vivido”, do valor de uso; o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca. Nesta ótica, considera o território como funcional e simbólico, pois é utilizado tanto para a realização de ações como na produção de significados. É considerado funcional quando usado como recurso para atender as necessidades humanas e variam de acordo com cada contexto ou sociedades.

² LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 1986.

Haesbaert (2005, p. 6776) afirma que a territorialidade está “[...] intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar” e elenca quatro objetivos principais da territorialização:

Abrigo físico, fonte de recursos materiais ou meio de produção;
 Identificação ou simbolização de grupos através de referentes espaciais (a começar pela própria fronteira).
 Disciplinarização ou controle através do espaço (fortalecimento da idéia de indivíduo através de espaços também individualizados);
 Construção e controle de conexões e redes (fluxos, principalmente fluxos de pessoas, mercadorias e informações). (HAESBAERT, 2005, p. 6778).

Pode-se destacar a premência da relação ser humano-espaço, na medida em que se considera a territorialidade num determinado espaço, modificado pela ação do ser humano, através do exercício de suas potencialidades, de seus desejos e necessidades, interagidos com todos os aspectos inerentes a sua vida social.

Contudo, ao mesmo tempo em que ocorre uma desterritorialização, simultaneamente se desenvolve uma nova reterritorialização, pois um indivíduo não pode viver sem pertencer a um território. Nesse caminhar para um novo território, quase sempre existem referências materiais ou imateriais de um novo lugar e sua decisão de morar passa, muitas vezes, pela influência de redes sociais.

2.2 A fronteira e as possibilidades de migração

Sasaki e Assis (2000) argumentam que, com fundamento na perspectiva neoclássica, a migração internacional é impulsionada, principalmente pelas diferenças salariais entre países. Assim, o foco do migrante está voltado para o mercado de trabalho e a sua permanência e sucesso no país para onde migrou está diretamente relacionado com sua educação, experiência de trabalho, domínio da língua da sociedade hospedeira, tempo de permanência no destino e outros elementos do capital humano. Sassen³ (*apud* Sasaki; Assis, 2000) observa ainda que, apesar dos fatores como a pobreza, desemprego e superpopulação possibilitarem as migrações é importante identificar os processos que modificam essas condições.

A reorganização da economia mundial nas últimas décadas, bem como a participação de investimentos estrangeiros em diversos pontos da superfície terrestre produziu variados fluxos populacionais nessas direções. Dessa forma, com o capitalismo entrando na fase da

³ SASSEN, Saskia. (1988). *The mobility of labor and capital: a study in international investment and labor flow*, New York, Cambridge University Pres.

internacionalização da produção criaram-se novas condições que facilitam a decisão de migração como a necessidade de captação de mão-de-obra especializada, permuta de tecnologias e informações e a expansão no fluxo de circulação de mercadorias e serviços (SASAKI; ASSIS, 2000).

Na fronteira, esses elementos também aparecem, mas não são únicos. Junto a eles está a própria condição do viver na fronteira e das oportunidades nela contidas. Nota-se, por exemplo, pelo senso comum, que alguns moradores de Corumbá trabalham no comércio de Puerto Quijarro, aparentemente favorecidos pela objetivação de clientela buscada pelos empresários bolivianos ou brasileiros. Da mesma forma, observa-se que os bolivianos atravessam diariamente o limite internacional aproveitando das oportunidades de oferecimento de seus produtos nas feiras-livres em Corumbá e Ladário.

O processo migratório, apesar de contraditório e complexo e das dificuldades que pode causar nos países receptores, é também um fator de enriquecimento pelo fato de proporcionar possibilidades de formação de uma pluralidade cultural. Essas contradições e a complexidade do fenômeno é fruto da dualidade de significados. Primeiro, pela presença do migrante que sugere a concorrência por empregos e, segundo pela possibilidade de contribuições ao país para onde migram. É possível deduzir, a partir de Méndez (2008), que atualmente o processo migratório tem como fator principal o mercado de trabalho, em decorrência da globalização e da dificuldade de geração de empregos nos países de origem e a conseqüente desigualdade social. Essencialmente é possível distinguir duas categorias de trabalhadores estrangeiros: o trabalhador migrante e o trabalhador fronteiriço. Estas categorias distinguem-se, pela forma como se relacionam no local. O primeiro deixa definitivamente o seu país e fixa residência no local onde trabalha e o segundo exerce suas atividades num determinado local e retorna periodicamente para o seu local de origem. Na cidade de Corumbá, no Brasil, esses dois tipos estão presentes.

Considerando que esta análise se detém numa zona de fronteira, é importante distinguir os conceitos e as formas de se ver a fronteira. A conceituação da palavra fronteira merece uma atenção especial, já que é permeada de significados amplos e complexos, por envolver questões multidisciplinares, tornando-se polissêmica nos tempos atuais. Para Cataia (2007) existem, na literatura, duas formas principais de abordagem do tema. A primeira trata a fronteira como o limite político, que se refere à demarcação da linha divisória de cada país e está diretamente relacionada com o poder instituído, para delimitar e preservar a soberania nacional. A segunda se relaciona com a visão econômica, que aborda a idéia de fronteira sem

limites, decorrente da economia transnacionalizada, que opera fluxos financeiros para além dos limites territoriais, intensificados com o processo de globalização.

Ambas as concepções analisam a fronteira a partir de uma visão da mesma enquanto periférica, ou seja, vista a partir de um centro. Na primeira, a fronteira é vista como um lugar distante, até onde vai o limite do que é nosso e onde começa o que é do outro; na segunda, a fronteira é apenas um espaço apto ou não para atrair investimentos de capital.

Atualmente costuma-se estabelecer a diferença entre limite e fronteira. Para Machado (1998, p. 42), “[...] enquanto a fronteira pode ser um fator de integração, na medida em que for uma zona de interpenetração mútua e de constante manipulação de estruturas sociais, políticas e culturais distintas [...]” (nesse contexto implica a existência do ser humano no processo de interação); “[...] o limite é um fator de separação, pois separa unidades políticas soberanas e permanece como um obstáculo fixo, não importando a presença de certos fatores comuns, físico-geográficos ou culturais”.

Os olhares que se fazem para as fronteiras permitem vislumbrar uma multiplicidade conceitual. Numa perspectiva dialética, Bezerra; Guimarães; Carvalho (2008) apontam que a fronteira tanto é uma faixa de contato, como um limite de aproximação, pois ao mesmo tempo em que representa uma área de separação, apresenta-se também como perspectiva de contato entre povos.

Já do ponto de vista de quem olha, Nogueira (2007, p. 34) defende o olhar para a fronteira enquanto centro, cujas referências é que devem nortear as decisões políticas e administrativas e, principalmente, suscitar o questionamento de uma identidade fronteiriça, que está interligada com as relações nela contidas, tanto em caráter nacional (interna) quanto binacional (com outro país). O autor aponta que:

A fronteira pode se constituir num espaço de identidade territorial a partir de basicamente duas formas: primeiro, quando o ‘ser da fronteira’ diz respeito a um contraponto às regiões centrais, sendo essencialmente nacional. Aqui a fronteira é um espaço de referência identitária exclusivamente nacional; e segundo, quando o ‘ser da fronteira’ diz respeito a uma interação de identidade binacional, em que os dois lados se reconhecem como fronteiriços e com tal identidade e forma de relacionamento frente aos respectivos estados nacionais. Ser da fronteira aqui significa uma superação dos limites formais do Estado Nacional, sendo a sociedade civil o principal agente da interação.

O pertencer a uma região de fronteira implica no reconhecimento das diferenças que coexistem se complementando e se contrapondo e, ao mesmo tempo, praticando integrações e desenvolvendo novas realidades sócio-culturais muito específicas. A vivência de atores com origens e culturas distintas, são também reflexos da estrutura social e organização política de seus países (NOGUEIRA, 2007).

Numa visão contemporânea de fronteira, Castrogiovanni e Gastal (2004, pp. 1-4) a definem como um “espaço de trocas e hibridismos culturais” que deve ser vista não como dois espaços distintos, mas como um “terceiro espaço”, onde a diversidade dá lugar a um enriquecimento cultural, social e econômico para a região. Perceber a fronteira como um elo de integração não pressupõe a inexistência de conflitos, tampouco a uniformização de culturas, mas reconhecer nessas diferenças as possibilidades de trocas e crescimento faz da fronteira um lugar especial. Esses autores apontam que o Brasil ocupa o terceiro lugar no mundo em extensão de suas fronteiras, sendo assim, as possibilidades da presença do migrante em terras brasileiras são também da mesma grandeza. Quando as pessoas cruzam essas linhas divisórias interagindo de ambos os “lados”, sendo esse movimento contínuo e intenso, passa-se a ter um lugar comum, de interesses e desejos compartilhados. O migrante que fixa sua residência em outras terras, o faz impulsionado pela esperança de que nesse novo lugar encontrará a possibilidade de realização de seus sonhos e aspirações.

Nota-se, nessa fronteira, que existe um intenso contato entre os fronteiriços, seja pela conveniência comercial ou pelas trocas no sentido lato da palavra. Logo, a proximidade dos bolivianos residentes em Corumbá dos compatriotas na Bolívia (cerca de 5 km para alguns) pode acenar positivamente para sua permanência e valorização emocional do local de moradia. Esse sentimento de “pertencer” a um determinado lugar é um processo gradativo e perpassa primeiramente pela premência de se conhecer o lugar e de se acostumar a esse novo contexto, para então promover sua socialização com o ambiente e reconhecer as possibilidades que o novo possui de corresponder as suas expectativas.

O conceito de lugar, sob a ótica da geografia humanística, se traduz convenientemente pelas palavras de Martins (2005, p.113) quando afirma que “[...] o lugar, por sua essência humana, é o espaço vivido, no qual as pessoas constroem suas vidas e com o qual elas se identificam e ao qual associam a sua história”. Acrescenta ainda que o conceito de lugar deva ser percebido como uma composição socioespacial, pois só se reconhece através da materialização de elementos inerentes ao cotidiano das pessoas. A inter-relação e coexistência nos espaços habitados – casas, ruas, a vizinhança de uma forma geral, pessoas, empresas, lugares, etc. – desses elementos estão intimamente ligados a vida em todos os sentidos.

Talvez a concentração em alguns bairros, o adensamento em algumas porções específicas no território corumbaense justifique uma aproximação a fim de se produzir a lugarização dos bolivianos. Entretanto, a dispersão pelos bairros pode também sugerir que a proximidade territorial estimula a pertença no novo território e que os “guetos” formados teriam outro sentido, provavelmente relacionado com as reminiscências do grupo.

Compartilhando do pensamento de Bassegio (2004) sobre a necessidade de um mundo sustentável e da cidadania universal, o lugar do migrante na cidade deve estar respaldado no direito ao exercício de sua cidadania e de uma vida digna postuladas pelas políticas sociais e pelo próprio empenho pessoal. Sob esse olhar, o migrante passa a ser caracterizado como um elemento de desenvolvimento, pois suas experiências culturais e profissionais entrelaçadas com a cultura local podem trazer um inegável enriquecimento mútuo.

Por outro lado, Golgher (2004) observa que “[...] a troca de local de domicílio pode ter profundos impactos sobre a vida de uma pessoa”. O migrante se mobiliza em busca de novas oportunidades e isso acarreta a conseqüente alteração do seu modo de viver pela mudança do seu ambiente nas características sociais, econômicas, políticas e físicas. Esse ambiente é, na maioria das vezes, muito diferente e apesar disso pode ser melhor do que o seu local de origem. Novas experiências lhe são apresentadas e novas relações sociais são materializadas.

Assim, é importante conhecer a história e trajetória desse migrante, seu relacionamento com a sociedade atual e o que esse novo lugar trouxe de novos significados para sua vida. Peres; Baeninger; Souchaud (2008) conferem à intensa “recomposição dos territórios e costumes” a história das migrações da América Latina, considerando os fluxos de mobilidade humana Bolívia–Argentina e também Bolívia–Brasil, identificados pelas transformações em diferentes dimensões – sociais, demográficas, econômicas, produzidas por esses migrantes, sendo essa movimentação percebida em lugares específicos de origem e destino. No caso da migração Bolívia–Brasil em Corumbá, algumas características são peculiares. Oliveira (1998) utilizando uma pesquisa comparativa entre cidades de Mato Grosso do Sul já demonstrara que Corumbá era diferente das demais fronteiras pela sua história, pela sua geografia e pela sua economia, e que seria a principal receptora de diferentes fluxos de migrantes ao longo dos anos.

Peres; Baeninger; Souchaud (2008) salientam que, um dos fatores que propiciam essa movimentação de migrantes nessa fronteira, refere-se a sua localização, estando a cerca de 400 km de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, e a apenas 5 km de Puerto Quijarro – cidade fronteira boliviana, a cidade Corumbá mantém relações econômicas muito mais estreitas com a Bolívia do que com o Brasil. Nessas condições, observa-se a ocorrência de uma migração internacional, fundada numa migração de vizinhança, sendo um “fenômeno essencialmente local, onde a fronteira e seus moradores são considerados isolados das dinâmicas continentais”. Além dessa estreita relação econômica e de seu relevante papel na dinâmica das migrações bolivianas, Corumbá, é um “[...] lugar estratégico de articulação dos

fluxos de bens, pessoas e informações, configurando o denominado corredor bi-oceânico” (BAENINGER; SOUCHAUD, 2008, p. 5).

Não foram encontrados outros registros que relatem a história da migração boliviana para a cidade de Corumbá e, de acordo com Baeninger e Souchaud (2008) não existem conexões entre as migrações de bolivianos que indicasse esta cidade como um ponto de passagem para outros centros do Brasil. Estes autores acreditam que tal fato deve-se a inexistência de vínculos econômicos da cidade com os demais centros econômicos brasileiros, nesse caso não se confirmando a hipótese que esses migrantes se utilizavam da cidade de Corumbá como uma etapa prévia para a migração para outros centros, como São Paulo. Logo, os bolivianos vindos para a cidade de Corumbá a tinham como seu alvo de chegada e onde estabeleceram suas moradias.

2.3 Migração, redes sociais e a produção de moradias

Outra categoria analítica importante no trato das migrações é a rede. Vale destacar que com a intensificação do processo de globalização, a palavra rede foi se tornando cada vez mais polissêmica. As redes é tanto um recorte privilegiado de estudo, como também meio de contato e interação de povos, desenvolvimento de tecnologias e comunicação etc. Se fala em redes pela atuação de quatro grandes fluxos que são os movimentos de pessoas ou fluxos migratórios; os movimentos comerciais ou fluxos de mercadorias; os movimentos de informações ou fluxos informacionais e os movimentos de capitais ou fluxos monetários e financeiros, evidenciando questões de ordem social, cultural, econômica e política. A sustentabilidade das redes provém da identificação e afinidade entre seus membros, o que pressupõe uma relação de cooperação mútua, permitindo o entrelaçamento de idéias e ações dinâmicas e integradas de forma reticular.

Conforme Dias (2007), redes são estruturas de organização onde seus integrantes se unem de forma direta e igualitária, para a obtenção de objetivos em comum e surgiu como uma alternativa à estrutura em pirâmide, onde a organização é hierarquizada e seus membros se comunicam verticalmente e em diferentes níveis.

Para se deslocar de seu país de origem até a chegada ao país receptor o migrante se utiliza de estratégias variadas que o auxiliam nessa expedição que podem ser consideradas como territorialidades. No caso do migrante que possui os requisitos de migração necessários, concernente à documentação exigida, ele se utilizará de suas próprias habilidades para entrada

e estabelecimento no país escolhido. O migrante que não preenche esses requisitos e efetiva sua entrada no país de forma não legalizada, utiliza frequentemente sua conexão pessoal para tentar garantir sua permanência. Em ambos os casos, as redes sociais são facilitadoras desse processo, quer sejam através de amigos e familiares ou outros atores que participem do movimento de saída e chegada, local de hospedagem e, posteriormente, na obtenção de trabalho para sua manutenção no local.

Para Portes⁴ *apud* Maia (2002, p. 59) “A migração é definida como um processo criador de redes na medida em que desenvolve uma teia cada vez mais densa de contactos entre os locais de origem e de destino”. As redes sociais desempenham um papel fundamental no processo migratório, uma vez que estabelecem conexões com os migrantes e suas respectivas estruturas sociais, na medida em que cada um vai se utilizando desses relacionamentos de acordo com o contexto em que está inserido. Maia (2002) destaca a importância da participação dos diversos atores no processo de movimento migratório e das redes sociais envolvidas, uma vez que permitem o acompanhamento no tempo e no espaço dos atores mesmos, possibilitando a análise não apenas pelo fator espacial da diferenciação de sociedades.

Golgher (2004), também indica como fator relevante no processo migratório a existência de uma rede social no local de origem e destino do migrante em potencial. Exemplifica o caso de amigos e parentes que contribuem no pagamento das despesas com a mudança e no acolhimento do recém-migrado. Nesse sentido de acolhimento o fazem de diferentes maneiras: disponibilizando-lhe moradia e alimento, bem como a solidariedade afetiva e apoio na obtenção de trabalho e informações necessárias a sua subsistência no novo local e facilitando a troca de seu local de domicílio.

Soares; Rodrigues (2005, p. 66) definem a rede social como um conjunto de atores ou nós (pessoas, objetos ou eventos) que se unem por uma determinada forma de relação. Para eles os diferentes tipos de relações determinam diferentes redes de relacionamento. Apresentam três diferenciações para o conceito de redes: a) "rede social" – como sendo um conjunto de pessoas, organizações ou instituições sociais que se integram algum tipo de relação, considerando o objetivo pelo qual se organizam (uma rede social pode abrigar várias redes sociais); b) "rede pessoal" – representada por um tipo de rede social que se estabelece

⁴ PORTES, Alejandro. (1999). *Migrações internacionais: origens, tipos e modos de incorporação*. Oeiras: Celta Editora.

através das relações sociais de amizade, parentesco etc.; c) "rede migratória" - precedem a migração e são adaptadas a um fim específico: a ação de migrar. Os autores acrescentam que nesse tipo de rede, "quando suas singularidades dependem da natureza dos contextos sociais que ela articula, uma rede migratória é, também, um tipo específico de rede social que agrega redes sociais existentes e enseja a criação de outras". Nesse sentido a rede migratória é "uma rede de redes sociais" e configura-se na origem e destino - isto é: recortes territoriais, países, estados, microrregiões, municípios, cidades, etc. que se articulam por intermédio de fluxos migratórios.

Também é importante observar que a rede social, em casos específicos, pode ser transfronteiriça sendo ocasionada pela realização de atividades impulsionadas por fatores econômicos, representados pela prática de comércio e atividades profissionais exercidas por pessoas que vivem de um lado da linha de fronteira e trabalha no outro; pelo fator social, como por exemplo, crianças que residem num país e estudam no país vizinho, a utilização de serviços médicos, visitas a familiares que vivem em ambos os lados da fronteira. Essas situações são todas vislumbradas no dia a dia da cidade de Corumbá. Todos os dias várias crianças bolivianas atravessam o limite internacional para estudar no Brasil. Da mesma forma acontece com as buscas por atendimento médico, com os feirantes, trabalhadores. São fluxos inerentes a esse ambiente fronteiriço. O trânsito entre os países (Brasil-Bolívia) é livre e da mesma forma, brasileiros (empresários, trabalhadores, turistas) se deslocam para aquele país onde mantêm atividades comerciais.

Desta forma, o relacionamento entre esses povos é bastante estreito e, por isso mesmo, com maior facilidade de que ambos assimilem hábitos e costumes, possivelmente promovendo uma modificação da identidade local, que naturalmente não ocorre de um dia para o outro, mas gradativamente, dependendo do nível de integração. Considerando que a identidade do local perpassa por diversos fatores, como composição da sociedade, contexto político e outros essa identidade vai ser moldada, também, por componentes sociais, políticos, econômicos e sociais. Sobre a constituição de uma identidade de um grupo, Haesbaert e Bárbara (2001, p. 3) expressam que ela é sempre de caráter relacional, ocorrendo "[...] por isso mesmo, a partir da relação entre os que de algum modo são classificados e re-conhecidos como semelhantes (mas não idênticos) e os 'outros'".

Em se tratando de migração, culturas distintas se complementam e influenciam significativamente o modo de viver de toda uma sociedade. Especificamente nesta análise, cabe perceber quais fatores significantes estão envolvidos no processo de transformação de um espaço, já que a chegada de migrantes, imperiosamente ocasiona a convivência com

diferenças, que acabam se mesclando pela vivência do cotidiano. A construção de moradia é uma das questões mais importantes na vida do migrante e também dos locais, pois será o lugar onde poderá buscar o seu descanso diário, alimentação, relação com seus familiares e com as pessoas que estão mais próximas, compartilhando da mesma experiência: o viver, talvez, muito distinto de como vivia anteriormente. Este foi o ponto fundamental que esta pesquisa pretendeu destacar: os migrantes bolivianos materializaram suas reminiscências, sua cultura na arquitetura de suas moradias ou se as mesmas foram moldadas de acordo com as estruturas locais.

Entendendo a moradia como um local de abrigo, onde o ser humano busca o seu acolhimento, a sua proteção, ela é ao mesmo tempo, carregada de significados, porque representa o ser individual, as suas características pessoais, seu poder aquisitivo, seus sentimentos. Ao mesmo tempo, que representa uma coletividade, posto que o ser humano como indivíduo social interage com o ambiente, transformando suas estruturas econômicas, sociais, cultural, política, panorâmica, enfim sua totalidade. A aspiração por uma habitação é inerente ao ser humano e está atrelada a outras necessidades de atendimento de questões básicas (saneamento básico, iluminação, educação, saúde, lazer etc.). Por se tratar também de uma questão econômica, a construção de moradias movimentava diversos setores da economia, como a construção civil, os setores imobiliários, a geração de empregos que impulsionam a realização dessa atividade.

Carlos (2003, p. 17) aponta que o lugar de habitação não pode ser reconhecido restritamente sob o conceito de casa, mas sob um olhar mais amplo, porque envolve “vários níveis e planos espaciais de apropriação”, coexistindo uma relação espaço-tempo. Nesse sentido, a autora aborda o conceito de “apropriação do espaço para a vida”, sendo a habitação reconhecida como o primeiro espaço de percepção para o mundo. A casa, então, envolve “outras dimensões espaciais como a rua, depois o bairro; estes criam o primeiro quadro de articulação espacial no qual se apóia a vida cotidiana”. É nesse movimento que os indivíduos se identificam com os lugares, construindo a produção de uma identidade fixada na memória e que lhes outorga a possibilidade de trocas e vivências num novo contexto.

É comum imaginar que o imigrante que sai de suas terras para viver em outra, simplesmente abdica de suas raízes e abandona seus hábitos e costumes. Pode-se mesmo afirmar que em função da necessidade de ser aceito e reconhecido em um novo lugar ele busca as condições necessárias para a sua adaptação a uma nova realidade, pois necessita se sentir seguro, como é natural em qualquer ser humano. Para que isso ocorra, uma das primeiras alternativas é procurar uma fonte econômica que lhe ofereça as possibilidades de

manter a si e a sua família satisfazendo prioritariamente as questões de moradia e alimentação. Aliado a isso e, até mesmo, para facilitar a realização desses objetivos iniciais, buscará interagir e absorver hábitos e costumes da região local. Mudanças intensas poderão ocorrer, entre elas, o aprendizado de um novo idioma, que facilita a interação com as pessoas e novo ambiente. Na observação cotidiana, podemos perceber que os residentes bolivianos se empenham em dialogar com a comunidade local no idioma português. O mesmo acontecendo na cidade de Puerto Quijarro, quando se comunicam com brasileiros que lá se encontram, o que demonstra a necessidade de se relacionar de forma amistosa.

Embora as mudanças sejam inevitáveis e até mesmo imperativas, elas nunca serão totais e, é isso que contribui para a mudança de uma identidade local. O estrangeiro mesmo que totalmente adaptado ele terá permanecido com a essência de suas experiências vividas, que não se perde nesse processo de mudança, porque está impregnado em seu modo ser. São as suas experiências, seus hábitos, seus costumes que o fazem construir uma forma de ver o mundo e o lugar onde vive. Da mesma forma, ainda que possa ser com menor intensidade, as pessoas nativas estarão interagindo com o novo elemento e possivelmente absorvendo seus hábitos e costumes, como por exemplo, a gastronomia.

De acordo com Carlos (2005, p.73), “[...] as relações com o lugar são determinadas no cotidiano, para além do convencional. O espaço é o lugar do encontro e o produto do próprio encontro; a cidade ganha teatralidade e não existe dissociada da gente que lhe dá conteúdo e determina sua natureza”. São as pessoas que dão movimento e significados ao local, ao espaço onde convivem, de acordo com suas singularidades, ocasionando mudanças constantes e simultâneas a um determinado território. Neste encontro de migrantes bolivianos com os brasileiros, especificamente com os corumbaenses, algo deve ter se transformado, na composição de hábitos e costumes de cada um desses povos.

Para Baeninger; Souchaud (2007) uma das características da migração boliviana é a sua concentração em poucos lugares, a exemplo do que ocorre com aqueles que se fixaram em Guajará-Mirim e Porto Velho, no Estado de Rondônia e Corumbá, no Mato Grosso do Sul. A forte polarização nessa zona de fronteira faz com que a presença desses seja muito mais marcante do que a de outros migrantes. A migração boliviana é caracterizada por duas modalidades: a migração de fronteira, denominada “migração de imediações” e a migração metropolitana ou “migração metropolitana exclusiva”. Com relação à imigração boliviana em Corumbá, esses autores ressaltam que no Censo Demográfico de 2000, do IBGE, foram registrados 789 domicílios com presença boliviana (mesmo que os filhos ou cônjuges sejam brasileiros), representando 3,4% do total dos domicílios e totalizando uma população de 3.240

3 TERRITORIALIDADES E MORADIA DOS BOLIVIANOS EM CORUMBÁ-MS

3.1 Os migrantes bolivianos em Corumbá-MS, no Brasil

Nos trabalhos de campo foram entrevistados imigrantes oriundos de diversas localidades da Bolívia: Concepción, Cochabamba, São Miguel, El Salado, Trinidad, La Paz, Estação Motacucito, São Rafael de Velasco, Concepción, Roboré, Puerto Suarez, São Rafael de Velasco, São José de Chiquitos, La Paz, Potossi, entre outras localidades.

Embora as amostras tenham sido estabelecidas aleatoriamente, registrou-se, majoritariamente, entrevistas com pessoas que residem há muito tempo no município de Corumbá, variando entre 18 e 50 anos. Notou-se que a maioria não fixou residência em Puerto Quijarro, vizinha à linha divisória internacional. Aquele local foi utilizado apenas como um ponto de passagem e, também, como um elo com o país de origem, uma vez que raramente voltaram para o local de saída. Contudo, os entrevistados declararam que realizam visitas periódicas a parentes e conhecidos nas cidades de Puerto Quijarro e Puerto Suarez, aonde vão também para participar dos pleitos eleitorais, para aquisições de mercadorias e outras atividades – denunciando uma possível dupla cidadania.

Sobre a decisão em mudar de país foi apontado, principalmente, a possibilidade de exercer um trabalho com melhor remuneração para, com isso, produzirem uma melhoria da qualidade de vida de si próprio e de suas famílias. Outro fator, mas de incidência posterior foi apontado como a educação para os filhos nascidos no Brasil, sendo também relevante, haja vista a diferença de qualidade do ensino mencionada por eles. Vale ressaltar que essa questão foi a segunda mais indicada como uma necessidade em seu país (Bolívia).

Conforme os depoimentos obtidos, foi possível perceber que a maioria cursou apenas o ensino fundamental em suas séries iniciais. Em raríssimas situações foi citada a conclusão do ensino médio e, mesmo do ensino fundamental. Dentre os entrevistados, apenas um informou ter migrado para Corumbá após a conclusão do ensino superior, porém seu objetivo não se diferenciou dos demais – via na cidade a realização de suas atividades profissionais e o sonho de uma vida melhor. Entretanto, pode ser observado que os filhos desses migrantes puderam desfrutar de melhores condições para a sua formação educacional com grau de escolaridade superior à dos pais, na maioria das vezes, contemplando o ensino médio e mesmo o ensino superior, em menor escala. Nos casos em que encontramos filhos ainda crianças, todas estavam matriculadas na rede de ensino municipal. Assim, é inquestionável

que esses migrantes obtiveram êxito, ao menos parcial, em seus anseios, já que de acordo com as suas falas, a educação escolar é uma ferramenta que os coloca em melhores condições de conhecimento para desenvolverem atividades profissionais.

Vale destacar que na fala de quase todos os entrevistados se pode perceber que a pouca qualidade de vida em seus locais de origem foi uma das principais motivações migratórias. Descreveram ambientes de muita pobreza e dificuldades, inclusive na alimentação que se baseava principalmente nos alimentos oriundos da lavoura e da criação de pequenos animais. Reportamos uma narrativa peculiar de um dos entrevistados, que oferece uma idéia sobre essa condição: “Comemos até bicho... bicho... sabe como é esse bicho? Meu pai cortava o palmito e fazia um buraco, depois de uns quinze dias aparecia esse bicho, tipo coró... branco, gordo, gostoso... meu pai ia com minha mãe, pegava no latão e tostava aquilo...”. Noutro ponto de sua fala, esse mesmo senhor faz referência ao consumo de formigas – também tostadas, da mesma forma que o outro inseto – que comiam com mandioca.

A implementação da estrada de ferro ligando Corumbá a Santa Cruz de La Sierra, cujos trabalhos foram conduzidos por grupo denominado de Comissão Mista, foi, provavelmente, um facilitador de acesso desses migrantes a esta cidade. Muitos vieram para o trabalho nessa ferrovia, assim como a utilizaram como a principal via de transporte para viagens de comércio – atividade profissional preponderante, conforme suas narrativas. Referiam-se ao exercício da “pilotagem⁵”, já que na verdade serviam de transportadores de mercadorias para proprietários de comércio. Esse fato, aliado ao costume de realizarem passeios na cidade de Corumbá foram os principais fatores que permitiram o conhecimento deste local, despertando o sonho de transformarem suas vidas para melhor. Posteriormente, os demais familiares passaram a vir sob a influência e cooperação daqueles que primeiramente aportaram e aqui se estabeleceram – denunciando a existência de redes de solidariedade.

A maioria veio para o Brasil ainda muito jovem, sem ter realizado uma atividade profissional, que mantivesse a sua subsistência na localidade. O impulso de uma nova vida originou-se das dificuldades familiares vividas, conforme apontado anteriormente. Entre os que afirmaram já terem trabalhado antes, se observou que sua experiência não foi valiosa para o novo local de estabelecimento. Nos seus locais de origem, trabalhavam principalmente na agricultura e em Corumbá passaram a se dedicar a outras atividades, como trabalho em fábrica, hotéis, residências. Essas características dos migrantes bolivianos vêm sendo

⁵ Alguns denominaram as pessoas que desenvolviam essa atividade como “mulas”.

alteradas. Nas conversas com os coordenadores da Pastoral do Imigrante e com o do Centro Boliviano-Brasileiro ficaram evidentes que os novos grupos bolivianos que tem chegado a Corumbá, especialmente a partir dos anos 1990, são diferenciados do ponto de vista da qualificação. Muitos já estão chegando com mais habilidades e capacidades competitivas para o mercado de trabalho.

Em relação à existência de uma rede estruturada ou formal que efetivamente estivesse envolvida no processo migratório para o Brasil, os entrevistados verbalizaram que o interesse pela mudança para esta cidade ocorreu de forma espontânea e individual e o processo migratório se deu de forma muito particular, sem a interferência e colaboração de outras pessoas ou instituições. Contudo, como se pode perceber, existiam, sim, as redes, porém com poucos elos.

O indivíduo é eminentemente um ser social, integrado, consciente ou inconscientemente nas articulações e atividades da sociedade. Partindo do pressuposto que redes sociais são a interligação do indivíduo ou organizações, com as relações de trabalho, amizades, informações e conhecimento que envolve o cotidiano das pessoas, essa rede pode, muitas vezes, não estar perceptível ao indivíduo, mas é inegável a sua influência no mundo corporativo. No caso aqui analisado, embora não reconhecida formalmente, pode-se perceber que as redes sociais estiveram sempre presentes. Os bolivianos quando vieram fixar residência em Corumbá, já haviam estado nessa cidade por algum motivo. Alguns o faziam para visitar familiares que já estavam ali residindo. Outros tinham vindo a passeio, que se configurava numa alternativa de lazer, favorecida pela linha ferroviária que operava entre esses países desde a década de 1950. Outra condição levantada foi o interesse comercial, na medida em que vinham para a compra de mercadorias nessa cidade ou ainda, como passagem para a realização dessa atividade em outros centros. Dessa forma é que tomaram conhecimento deste lugar e o elegeram como um lugar ideal para uma mudança, não só de residência, mas da melhoria de suas vidas e de seus familiares. Este desejo foi percebido em todas as entrevistas, quando indagados sobre as dificuldades que tinham no lugar de origem e suas expectativas com o novo lugar.

Logo, a existência das redes sociais não apareceu explicitamente, mas implicitamente ficou evidenciada. Nessa ótica estão as relações interpessoais de um determinado grupo e que cada pessoa envolvida, independente de uma estrutura hierárquica, representa um elo nesse relacionamento. É tão natural que muitas vezes não é percebido pelos atores e agentes sociais envolvidos. O processo migratório dos bolivianos para Corumbá, no Brasil, está diretamente vinculado ao contexto dessa fronteira que permitiu fluxos na direção de momentos de lazer ou

para suas transações comerciais de seus negócios ou do consumo pessoal. Através dessa relação com o lugar e da existência de conterrâneos que já residiam, puderam perceber possibilidades que esse lugar oferecia para uma transformação em suas vidas.

Foi possível observar então, dois principais vetores de acesso desses migrantes à cidade de Corumbá: a) a vontade própria, estimulada pelo interesse de melhoria das condições de vida, motivo este intensamente ilustrado nas falas dos entrevistados; b) a influência de outros migrantes (conhecidos ou familiares) que já haviam se estabelecido nesta cidade e, que por sua vez, auxiliaram no sentido de apoiar os novos migrantes. Em ambas as situações se observou o desejo latente e uma esperança em modificar sua condição de vida, frequentemente relatados como muito sofrida e de muitas dificuldades. Assim, aqueles que foram os pioneiros na vinda para essa cidade, após satisfazer minimamente seus anseios, tinham como passo seguinte a busca de seus familiares na terra natal.

Por outro lado, também foram relatados, especialmente pelas mulheres, a cooperação de brasileiros com relação à condição de empregá-los e orientá-los em suas atividades. Contudo, a facilidade de encontrar uma ocupação foi observada de forma geral, provavelmente pelo fato de que indistintamente aceitavam qualquer tipo de ofício – mesmo que inicialmente não dominassem as tarefas, se empenhavam em aprendê-las.

Sobre essa “facilidade” e “orientação” em relação ao trabalho e seu real significado vale a pena alguns questionamentos: o fato desses migrantes se ocuparem de serviços gerais como, camareiras, pedreiros, domésticas, não estaria mais vinculada à disponibilidade de mão-de-obra barata que eles representavam? Seria uma condição de aceitabilidade na sociedade local ou apenas a exploração de seu trabalho como uma mão de obra barata? Essa questão ganha força considerando que a maioria não desenvolveu essas funções de acordo com as normas trabalhistas, mas de maneira informal, geralmente condicionada pela dificuldade de documentação. Vale destacar que a menor remuneração relativa desse migrante não se constituía, imediatamente, num empecilho para o trabalho, já que comparativamente a moeda brasileira, sendo mais valorizada que a boliviana, oferecia um poder aquisitivo maior.

De toda maneira, voluntária ou involuntariamente, as redes sociais se fizeram percebidas ao longo de todo o processo migratório: seja nas relações de trabalho relatadas como ponto principal que o mantiveram nesta cidade, seja nas relações pessoais que contribuíram para que esses migrantes fossem motivados a vir e a ficar.

3.2 As moradias dos bolivianos na cidade de Corumbá, no Brasil

A moradia, muito além do que ser destinada como teto, abrigo, está revestida de muitos significados. Na sua construção estão imbricados aspectos culturais, sociais, econômicos e físicos, cujas diferenças podem ser percebidas nas formas e estruturas nos mais diversos lugares.

Rapoport (1972, p.65) observa que:

La casa no es tan solo una estructura, sino una institución creada para un complejo grupo de fines. Porque la construcción de una casa es un fenómeno cultural, su forma e su organización están muy influidas por el “milieu” cultural al que pertenece. Desde hace mucho tiempo, la casa es, para el hombre primitivo, algo más que un techo y, case desde el principio, la “función” era mucho más que un concepto físico o utilitario.

A moradia deve ser entendida como um complexo estrutural, funcional e afetivo que são componentes indispensáveis ao ser humano. Nas questões estruturais são pertinentes fatores internos e externos à residência: internamente, a forma como são organizadas as peças que constituem a casa, a disposição de seus móveis que são colocados de acordo com as experiências e crenças de cada povo; externamente, o desenho, a paisagem e a moradia como um espaço de relacionamentos e da manifestação da cultura.

A caracterização das moradias será sempre reflexo do material e imaterial, do poder econômico, estrutural e simbólico, resultados da ação do ser humano sobre a natureza e o espaço. Santos (1997) explica que o cotidiano e suas transformações obedecem três ordens: da técnica, da forma jurídica e do simbólico. Para este autor, a ordem técnica e a ordem da norma são tratadas como dados. Sendo assim, se pode deduzir que para a estruturação das moradias a ordem técnica seria a concepção arquitetônica norteadora dessa construção, ou seja, suas formas físicas e os materiais disponíveis utilizados para esse fim; a ordem jurídica seria as políticas habitacionais e as questões legais para edificação. Santos (1997, p. 67) aponta que embora esses fatores sejam relevantes, “[...] a força da transformação e mudança, a surpresa e a recusa ao passado provem do agir simbólico, onde o que é força está na afetividade, nos modelos de significação e representação [...]”. Para ele a importância do lugar na formação da consciência vem do fato de que essas formas do agir são inseparáveis, ainda que, em cada circunstância, sua importância relativa não seja a mesma. Sob este prima, buscou-se analisar as características singulares das residências, objeto desta pesquisa.

Nas observações da paisagem representada pelas moradias de Corumbá (Brasil) e Puerto Quijarro (Bolívia) se percebeu a existência de muitas semelhanças. Embora tenha sido

freqüente a afirmação de que as casas em Puerto Quijarro fossem construídas de forma diferente, com os cômodos no sentido do cumprimento, em Corumbá essa característica também apareceu em algumas construções. A forma de organizar os cômodos “em departamentos”, conforme sugeriu um dos entrevistados, em alusão às casas de Corumbá, também foi observado no lado boliviano e mencionado por migrante que possui residência em ambas as cidades. Apesar da diferença de acabamento (qualidade e investimento), se observa essa aproximação da paisagem residencial, com destaque para o quintal e varanda, bastante comuns nessas cidades (Figura 2).



Figura 2. Varanda e quintal: singularidades residenciais de Corumbá, Brasil e Puerto Quijarro, Bolívia.

Autor: DIAS, R.T.R., 2010

A moradia funciona também como um espaço de relacionamento, no qual as pessoas se reúnem, tanto com a família, dividindo as experimentações cotidianas; mas também com as visitas com as quais convivem socialmente. Nota-se, com freqüência, edificações construídas de forma a destinar uma área específica para essa finalidade, ilustradas pelas casas com varandas e/ou quintais, onde diariamente desfrutam da companhia uns dos outros, da mesma forma como a sala de estar que também possui essa função. Neste sentido, a parte frontal das residências também desempenha esse papel, como foi observado, tanto em residências corumbaenses como nas de Puerto Quijarro, quando se observa a reunião de pessoas em frente das casas, quer seja em espaços próprios ou nas calçadas (Figura 3).

A maioria dos bolivianos entrevistados afirmou serem proprietários de suas moradias e que houve determinação, empenho pessoal e familiar muito grande para a obtenção das mesmas. Não se verificou nenhum benefício institucional que os auxiliasse para o estabelecimento e construção de suas casas nesta cidade. Indagados sobre essa possibilidade,

as respostas foram sempre similares: “tudo foi construído devagar, com muito esforço... minha mulher carregava carrinho com material para o terreno”; “a ajuda que tive foi que pude comprar o material em prestações”; “comprei a casa em parcelas, a pessoa que me vendeu foi boa, dividiu para mim em três vezes”; “consegui construir com meu trabalho”.



Figura 3. Reuniões em frente às residências: hábitos comuns dos fronteiriços.

Autor: DIAS, R.T.R., 2010

Pelas declarações se percebe que os migrantes estavam integrados na sociedade local pelo trabalho. O fato de poder comprar de forma parcelada demonstra a existência de comprovação de rendimento e residência, dois fatores fundamentais para comprovar a formalidade de seu estabelecimento no Brasil. O salário e sua comprovação não só garante a possibilidade de comprar a prazo, mas também transforma o boliviano num cidadão corumbaense e, portanto, brasileiro. A dupla nacionalidade dos bolivianos é uma das marcas dessa fronteira, cujas estratégias ainda carecem de mais investigações.

Essas declarações foram possíveis de serem comprovadas, através de diálogo com o representante local do setor habitacional, que afirmou não ter conhecimento de nenhuma política habitacional para imigrantes e que a aquisição de suas moradias ocorre de forma individual. Dessa maneira, não foram identificadas existência de redes em nível político ou institucional que estivessem diretamente voltadas para um acolhimento especial aos migrantes que vislumbram aqui a possibilidade de uma condição melhor para suas vidas. Vale dizer que não se pretende, com isso, defender a implementação de políticas específicas para habitação do imigrante. Trata-se, tão somente, de uma constatação a partir da discussão de necessidades inerentes ao ser humano, independente de nacionalidades. Acredita-se que uma política

habitacional deve garantir direitos iguais a todos os cidadãos que participam das atividades da sociedade local.

Em alusão ao tipo de moradia ideal e sobre a forma como estão organizadas suas residências atuais, se percebeu um sentimento de satisfação e orgulho pela concretização de um desejo e da necessidade de um espaço “seu”, conseguido pelo esforço do trabalho e empenho familiar. O significado da vitória está claramente manifestado nas declarações e nas comparações com as moradias anteriores e nas moradias onde inicialmente habitavam, antes da construção de suas casas. Exemplificando, nomeamos algumas características citadas: “aqui no terreno tinha duas peças que eu cobria com latas de óleo, aquelas redondas, que eu abria e usava para proteger a casa”; “a primeira casa era de tábua... construí depois com o dinheiro da indenização que recebi da firma”. Mesmo os imigrantes que desfrutavam de uma condição econômica mais favorável, cujas casas demonstraram melhores atributos, manifestaram verbalmente o seu contentamento por terem “um abrigo” e tudo o que precisam de uma casa, afirmando conforto e segurança para viver.

Incentivados a falar em termos comparativos sobre o lugar onde viviam e onde vivem atualmente, foram mencionados as questões referentes a infra-estrutura do lugar, como, por exemplo, pode ser observada nas seguintes declarações: “as casas são iguais, aqui tudo é melhor, é limpo, a prefeitura exige que os terrenos sejam limpos, aqui tem mais higiene”; “lá as casas do centro são diferentes, no centro tem asfalto, agora que estão construindo casas mais ajeitadinhas... lá os cômodos passam de porta em porta, não é igual daqui, são separados”; “aqui o ambiente é melhor, tem mais limpeza”.

A maioria não identificou diferenças na forma de organização das casas, mas foram citadas como diferenças marcantes as questões referentes à infra-estrutura da cidade, como a água encanada, energia, asfalto e manifestaram preocupação quanto aos cuidados de limpeza com o lugar. Em relação ao desenho das moradias se observou que as construções, quando comparadas (Figura 4), apresentam padrões externos muito similares, embora as disposições internas aparentem ser organizadas de forma diferente, em algumas situações. Pelas entrevistas foi possível identificar que em Puerto Quijarro e em outras localidades bolivianas as construções são feitas no sentido do “comprimento”, ou seja, os cômodos são construídos lado a lado. Essa forma de construir foi modificada nas residências locais, onde os cômodos são construídos de forma agrupada, tendo, quase sempre, um corredor de interligação.

Foi observado que grande parte das moradias localizadas em Corumbá permanece de forma inacabada, principalmente no que diz respeito ao reboco das paredes e outros cômodos da casa, justificados pela questão financeira dos residentes, que acabam realizando suas

construções aos poucos. Essas características também foram notadas em Puerto Quijarro. Entretanto, em diálogos informais, foi esclarecido que essa prática é comum naquela cidade, como uma estratégia de se esquivar do pagamento de impostos, já que no município os impostos são exigidos apenas em construções concluídas. Portanto, não são passíveis de comparações em termos de estratégias, pois em Corumbá a condição de conclusão ou não da casa não é prerrogativa para cobrança de imposto. Nesse caso, as condições econômicas são os principais fatores explicativos.



Figura 4. Semelhanças na paisagem cultural de Corumbá, Brasil e Puerto Quijarro, Bolívia.
Autor: DIAS, R.T.R., 2009.

A moradia está diretamente relacionada como um dos desejos primordiais do ser humano, não apenas com o sentido de habitação, mas pelo significado nela embutido. A casa é o porto seguro de todo ser humano, o lugar onde se sente protegido e onde se manifesta toda sua individualidade e o seu poder. É nesse espaço que se concretiza suas relações mais afetivas, onde se relaciona com seus entes queridos. A possibilidade de adquirir a moradia própria torna-se então um dos seus maiores sonhos e a essa realização internaliza o sentimento de felicidade. Isso pôde ser ratificado nas falas das pessoas entrevistadas, que manifestaram a tranquilidade e a alegria de poderem ter construído suas moradias, verbalizando a felicidade que isso representou em suas vidas e na vida de seus familiares: “aqui é um lugar abençoado e sou feliz, porque construí minha casa e minha família aqui”; “não sou mais feliz aqui só por causa da saúde, mas tenho minha casa e família”; “tenho o que preciso para viver bem... minha casa, família, bons vizinhos”; “aqui consegui trabalho e pude construir a minha casa onde vivo com minha família”, “aqui é um lugar bom, sossegado”.

Essa novidade os coloca em um novo status social, principalmente porque essa realização sempre foi fruto de muito trabalho e esforço pessoal para melhorar as condições de vida.

Percebeu-se que um número significativo de pessoas entrevistadas já residia em casa própria, ainda que não concluídas. Usufruía na cidade, da infra-estrutura necessária para viver bem, como asfalto (na maioria das ruas), água encanada, luz elétrica, educação dos descendentes, trabalho, lazer e assim por diante. Reconheceram que essas condições favorecem uma vida mais confortável e tranquila e se declararam felizes por estarem morando no lugar, afirmando que gostam de Corumbá e só retornam à Bolívia esporadicamente. Nesse ponto, se pode afirmar que esses imigrantes estão perfeitamente integrados com a sociedade corumbaense, já que muitos estabeleceram relações de trabalho e amizade com os brasileiros.

Com relação ao tipo de moradia dos entrevistados, embora de padrões modestos, a maioria declarou ser proprietário dos imóveis, que foram construídos a partir da aquisição de um terreno, onde inicialmente residiam em pequenos cômodos até a organização de suas moradias nos padrões atuais. Percebeu-se também, que parte dessas residências ainda permanece sem os acabamentos necessários, como a finalização das paredes, pintura. Também existiam projetos de edificação de novos cômodos, em residências cujo início da construção denota ser de longa data. Esse fato remete estar diretamente vinculado com o poder aquisitivo desses indivíduos, que relataram que suas casas foram ou estão sendo construídas paulatinamente, conforme as condições financeiras e considerando a facilidade de comprarem os materiais em prestações.

Em sua maioria, as casas foram construídas em terrenos amplos, sendo seus cômodos distribuídos da seguinte forma: dois a quatro quartos, sala, cozinha, banheiro, área de serviço e quintal. Notou-se, em muitos casos no mesmo terreno, a existência de outra casa, geralmente menor, destinada a moradia de algum dos filhos (Figura 5).

A sala e a varanda foram apontadas como os lugares mais importantes da casa, pela possibilidade de integração e lazer com a família, sendo muitas vezes o lugar onde se realizam quase todas as atividades familiares (Figura 6). Além disso, a sala destaca-se pela existência do televisor, onde as pessoas passam grande parte do tempo, como uma forma de entretenimento.

Essa predominância de convívio das pessoas na sala e na varanda ou quintal apresentam similaridades com as residências dos corumbaenses, principalmente nos bairros mais afastados do centro. Provavelmente a sala tenha sido eleita por ser um dos cômodos maiores nas residências e onde é comum serem recebidas as visitas, já que é um lugar onde

estas poderiam ser mais bem recebidas, pela existência do móvel apropriado (sofá) e também do televisor que é um dos principais veículos de lazer. No que diz respeito à varanda ou quintal, também foi indicado como um meio de convivência, possivelmente por se constituir de uma área ampla e aberta, que permite a circulação mais livre das pessoas, bem como um refugio do calor intenso que teria dentro das residências, já que o clima da cidade é bem quente na maior parte do ano. A varanda e, por extensão, o quintal também é o local das pequenas festas em família, como aniversários, natal, final de ano.



Figura 5. Organização espacial das moradias dos bolivianos, na cidade de Corumbá-MS, Brasil.

Autor: DIAS, R.T.R., 2009.

A moradia é um espaço destinado ao relacionamento social, no qual as pessoas se reúnem tanto com a família – para viverem sob o mesmo teto, quanto para receberem parentes e amigos – a fim de compartilharem de momentos de lazer. Vale ressaltar que a área frontal da casa, e mesmo as calçadas, desempenham essa função de relacionamento, em ambas as cidades, constituindo uma forma singular de práticas cotidianas⁶.



⁶ Cf. Figura 3.

Figura 6. Varanda: um local de encontro nas moradias dos bolivianos, na cidade de Corumbá-MS, Brasil.
Autor: DIAS, R.T.R., 2009.

São singulares também, a visão que se tem nas ruas de ambas as cidades (Figura 7), quando se presencia casas onde as pequenas plantações se misturam com as construções, tendo as ruas bastante arborizadas, sendo que em determinadas fotos essas ruas se confundem pela semelhança, seja nas disposições das casas, seja pela vegetação ou pela presença de pessoas reunidas nas portas de suas casas.



Figura 7. Similitudes paisagísticas da fronteira Brasil-Bolívia.
Autor: DIAS, R.T.R., 2010.

Outra característica marcante é a forma das construções que servem também para as atividades comerciais. Essas casas são planejadas deixando uma porta maior com acesso a um cômodo que posteriormente será utilizado para esse fim. Normalmente se localiza ao lado da sala de estar, sendo interligada com todo o ambiente construído (Figura 8). Assim que possível financeiramente já começam a fazer funcionar a atividade comercial na casa. Os

recursos conseguidos com a atividade irão ajudar na conclusão da obra e apoiar a composição da renda familiar.

Uma das metas previstas neste processo investigatório previa estabelecer a relação existente entre o número de residências com imigrantes bolivianos e a pressão sobre o setor habitacional da cidade de Corumbá, já que esse número foi estimado em aproximadamente em 800 moradias (BAENINGER; SOUCHAUD, 2007). Porém a inexistência de um registro sistematizado inviabilizou a mensuração desse impacto, o que não significa negação de sua ocorrência já que se trata de uma quantidade considerável. A Pastoral do Imigrante não possui registros rigorosos das migrações bolivianas para Corumbá-MS, mas estima algo em torno de 8 ou 10 mil migrantes. Os gestores do setor habitacional de Corumbá, quando procurados (novembro de 2009) disseram não existir uma estimativa dessa pressão. Contudo, se pode indicar pelos números sugeridos, a necessidade de pelo menos 2 mil moradias para atender essa demanda.



Figura 8. Moradia localizada em Corumbá, Brasil, antes e após a sua conclusão, com espaço para a realização de pequeno comércio.

Autor: DIAS, R.T.R., 2009.

Assim, quando nos referimos ao impacto dessas moradias, as colocamos sob os aspectos inerentes ao seu funcionamento: abrigo e infra-estrutura (água, luz, saneamento, asfalto etc.) e demais necessidades de lazer e subsistência (farmácias, mercados, praças etc.) ao ser humano. Nessa ótica, o impacto ocorre, tanto no setor habitacional como nas demais áreas provedoras de infra-estrutura e equipamentos urbanos, tornando necessária adoção de políticas e procedimentos que implementem a melhorias para essas pessoas, bem como os demais cidadãos corumbaenses.

3.3 Os bolivianos que residem em Corumbá e a relação com o lugar de moradia

A apropriação do espaço corumbaense pelos migrantes bolivianos ocorreu, aparentemente, de forma aleatória. Motivados pela expectativa de mudança nos padrões de vida que tinham em suas origens, buscaram nessa terra os meios para alavancar seus objetivos. Assim, o trabalho foi o fator que determinou o início desse processo migratório, na maioria dos casos. Vindo para Corumbá, inicialmente moraram em casas temporárias e, posteriormente, foram construindo suas moradias nos diversos bairros da cidade.

Embora haja um adensamento de moradias em determinados bairros, a ocupação desses espaços ocorreu de forma espontânea, já que, de acordo com os relatos, a fixação das residências se deu por escolha individual, levando-se em conta, a proximidade com o trabalho e, também, preço de lotes acessíveis. A forma de relacionamento com esse espaço não parece diferir da maneira dos demais moradores, uma vez que o cotidiano é muito semelhante, sendo expresso nas informações de trabalhos semanais e descanso nos finais de semana. Provavelmente a existência de outros moradores bolivianos tenha influenciado nas decisões de compra de terrenos para a construção de moradias, o que justificaria essa aglomeração de residências em bairros específicos. Uma característica que pode denotar a procura de residências.

Uma marca muito presente e que os identifica como um povo boliviano são as festas tradicionais em comemoração ao dia da Virgem de Urukupiña, em 26 de agosto. Nesse caso, os grupos tradicionais da Bolívia se deslocam para a cidade de Corumbá, para apresentações em desfiles e celebrações religiosas, como missas que são realizadas em igrejas locais e desfiles. A participação em novenas e festas também foi relatada como uma prática comum e são realizadas durante os nove dias que antecedem o dia comemorativo dessa Virgem.

Ocorrem ainda procissões que são acompanhadas por grupos de dançarinos tradicionais da Bolívia, como Los Caporales, Pujllay e Morenada (Figura 9 e 10), que seguem tocando seus instrumentos juntamente com a apresentação de músicas e danças. São devidamente paramentados com as vestimentas tradicionais desses grupos que leva em consideração suas raízes históricas. Essa manifestação de fé e cultura se reveste de muita cor e alegria, diferentemente das procissões religiosas manifestadas pela cultura local do município de Corumbá (e em geral, no Brasil), onde as mesmas acontecem com orações e cânticos religiosos em marcha lenta. A fé católica se mostrou preponderantemente em suas crenças religiosas, demonstrando em suas festividades fortes traços do povo indígena e influência dos

jesuítas, como sugere a mistura de representações folclóricas e seus significados e as celebrações de missas e novenas, por exemplo.



Figura 9. Desfile do Grupo Morenada Achachis em homenagem à Virgem de Urukupiña, na cidade de Corumbá-MS, Brasil, agosto de 2009.

Autor: DIAS, R.T.R., 2009.



Figura 10. Desfile do Grupo Pujllay, na cidade de Corumbá-MS, Brasil, agosto de 2009.

Autor: DIAS, R.T.R., 2009.

A comemoração ao dia da Virgem de Urukupinã é uma das mais importantes tradições boliviana no campo religioso, sendo realizada anualmente no mês de agosto, reunindo bolivianos residentes em Corumbá e em Puerto Quijarro. Geralmente a festa inicia-se com a celebração de uma missa em uma das igrejas locais e, posteriormente a imagem da santa é transportada em altar (Figura 11 e 12) para a Feira BRASBOL, onde possui um altar permanente. Esta feira é uma espécie de camelódromo, situada nas proximidades da área central da cidade de Corumbá e nela são vendidos produtos de comerciantes locais e, predominantemente (mais de 90%) de comerciantes bolivianos. Ao lado dessa feira localiza-se um espaço para estacionamento de veículos e é nesse local, que as atividades comemorativas se realizam durante o dia, com eventos recreativos, danças e músicas típicas, bem com o consumo de bebidas e comidas, que, de acordo com os entrevistados são oferecidos gratuitamente por patrocinadores da festa.



Figura 11. Andor da Virgem de Urukupinã, em procissão na cidade de Corumbá-MS, Brasil, agosto de 2009.

Autor: DIAS, R.T.R., 2009



Figura 12. Gruta localizada na Feira Brasbol, onde a imagem da Virgem de Urukupiña, fica abrigada permanentemente.
Autor: DIAS, R.T.R., 2009.

Essa festa se prolonga no decorrer do dia, no entorno da feira Brasbol (Figura 13), onde se observa fortemente a territorialidade dos bolivianos. Embora essa denominação da feira indique a união Brasil – Bolívia (BRASBOL) para a exploração comercial, ela agrega em sua maior parte a atuação de comerciantes bolivianos. Dessa forma, muitas vezes a comunidade se refere a ela como “feira boliviana”.



Figura 13. Feira Brasbol.
Autor: DIAS, R.T.R., 2009

Além disso, a concentração de moradias de bolivianos na cidade de Corumbá está evidenciada nos arredores dessa feira, que foi confirmada, através de conversas informais com moradores locais, que justificaram a escolha desse local para suas residências em função da proximidade com a feira Brasbol e também de uma escola onde seus filhos estudam. Vale salientar que essa localidade fica estrategicamente localizada na via de acesso à Bolívia. Foi localizada a presença de três agrupamentos⁷ (“vilas”) nas imediações da feira (Figura 14). Acreditava-se que pudesse ser uma forma de dos bolivianos se agruparem numa alternativa de se manterem fortalecidos diante do novo. Ou, ainda os territórios da exclusão, em conformidade com Haesbaert (2004). Entretanto, essas suposições perdem força argumentativa quando esses moradores afirmam que escolheram esse lugar de moradia por ser de fácil acesso ao trabalho e a escola. Outra negação para essa hipótese foi encontrada na composição dos moradores dessas “vilas”. Um desses agrupamentos era constituído por onze residências, sendo cinco de moradores bolivianos e seis de moradores brasileiros, sugerindo não ser a nacionalidade o motivo da escolha do lugar, mas a facilidade para a realização de suas atividades cotidianas.



Figura 14. “Vila” localizada nas proximidades da Feira BRASBOL, em Corumbá.

Autor: DIAS, R.T.R., 2010

⁷ São um conjunto de casas construídas num mesmo terreno (lote), postas lado a lado.

De um modo geral se pode afirmar que o migrante boliviano convive amigavelmente com a população corumbaense. Se levar em conta que o novo pode ter diferentes graus de aceitação e resistência em qualquer situação, esse fato é especialmente verdadeiro quando se trata de um elemento novo no ambiente, neste caso o migrante, quer seja por aquele que chega ou por aquele que recebe. O migrante vai para um lugar e precisa criar novas redes de sociabilidade até que possa integrar-se de fato. Ao mesmo tempo a população precisa conhecê-lo para que haja relacionamentos amistosos. De ambos os lados é preciso que as pessoas estejam desprovidas de idéias e pensamentos pré-concebidos. No que concerne especificamente ao migrante boliviano este tema carece de uma análise mais cuidadosa, para se verificar a ocorrência das escalas de aceitação e/ou resistência.

Num primeiro momento muitas colocações apresentadas na entrevista não denotaram sentimento de oposição à presença desses migrantes na cidade de Corumbá, tendo em vista manifestações de que esta seria uma terra abençoada e de um povo bom e solidário. Argüidos sobre o relacionamento com a vizinhança foram verbalizadas situações de boa convivência e de pessoas que se auxiliam mutuamente. Não podemos afirmar com isto a ausência de preconceitos de ambas as partes, entretanto, acreditamos que possivelmente houve uma boa aceitabilidade deste novo elemento nesta localidade, tanto assim que umas das principais características da cidade de Corumbá é a presença marcante de migrantes das mais diversas partes do mundo.

3.4 Hábitos, costumes espaços de lazer e interação com a sociedade corumbaense

As entrevistas foram realizadas com migrantes que vieram entre as décadas de 1940 e 1980, na sua maioria muito jovem. Este fato possivelmente contribuiu para que esse movimento de transformação cultural fosse mais rapidamente incorporado. Muitos deixaram de praticar hábitos comuns de seu país natal, adaptando aos novos costumes locais. A partir de conversas com o coordenador do Centro Boliviano-Brasileiro se verificou que nas décadas mais recentes vem ocorrendo um movimento de resgate das tradições, conforme discutiremos mais adiante.

Com relação aos costumes referentes à alimentação, atividades de lazer, trabalho e religiosidade, se verificou uma intensa modificação e mantido principalmente os costumes religiosos e em menor intensidade os hábitos alimentares. Grande parte dos entrevistados se declarou católica, antes e após a migração, sendo comum observar a exposição de imagens

sacras nos diferentes espaços da casa (sala, quarto, cozinha), dispostos em móvel específico ou em quadros afixados nas paredes. Também se presenciou a existência de uma “capelinha” com imagem da Virgem de Urukupiña ou outra santa (numa das casas havia um oratório com a imagem de Nossa Senhora Aparecida).

Os entrevistados indicaram que no lugar de onde vieram havia poucas opções de lazer, uma vez que moravam majoritariamente em áreas rurais. Em suas palavras, moravam “no mato”, motivo pelo qual também foi amplamente citado a agricultura como principal atividade de trabalho. Também foi muito citada como forma de lazer a música e a dança, seguidos de igreja e do futebol. Essas manifestações foram mantidas, na maioria das vezes, pois Corumbá não oferece opções tão diferentes.

Também foram mencionadas as participações em celebrações semelhantes as realizadas no Brasil, que são as comemorações cívicas e religiosas e o carnaval. Dentre essas foram destacadas as festividades em homenagem às Virgens de Cotoca, Copacabana e Urukupiña. A festa em comemoração à Virgem de Urukupiña foi a celebração que se manteve mais fortemente em seus hábitos culturais na mudança de local de residência de um país para o outro.

No tocante a alimentação os pratos mais citados, além da sopa, que foi uma citação unânime: o picante de frango que também é um prato com caldo; o *marradito*, uma espécie de risoto ou arroz de carreteiro, mas de consistência com pouco caldo (Figura 15); e os alimentos da roça como legumes e verduras, com destaque para o milho, batatas e animais de pequeno porte, como galinha, porco, cabrito. Além disso, foram mencionados como bebidas típicas: *chicha* (a base de milho ou amendoim, pode conter álcool ou ser consumido sob a forma de suco), *mocochinche* (suco de pêsego desidratado e cozido) e a *paceña* (cerveja tipicamente boliviana e já muito conhecida nesta fronteira).

A esses hábitos, algumas vezes deixados ou substituídos, foi incorporado outros da culinária brasileira. Desses, o feijão parece ter sido o prato que passou a ser mais utilizado em seu consumo alimentar. A principal diferença na alimentação diz respeito à maneira de preparo dos alimentos, sendo que na Bolívia são consumidos principalmente sob a forma de cozidos, enquanto no Brasil se prefere os guisados e alimentos sem caldos, conforme observação dos migrantes entrevistados. Entretanto, esses alimentos foram bem assimilados por eles que passaram a fazer uso do arroz com mais frequência, feijão, massas e assados.

A cidade de Corumbá incorporou alguns dos hábitos e costumes desses migrantes com destaque para: a saltenha, um salgado com recheio de frango e batatas, e; o arroz boliviano,

uma espécie de risoto onde são integrados ao arroz ingredientes como o milho, ervilha, batatas, bananas fritas e molho de frango ou carne moída.

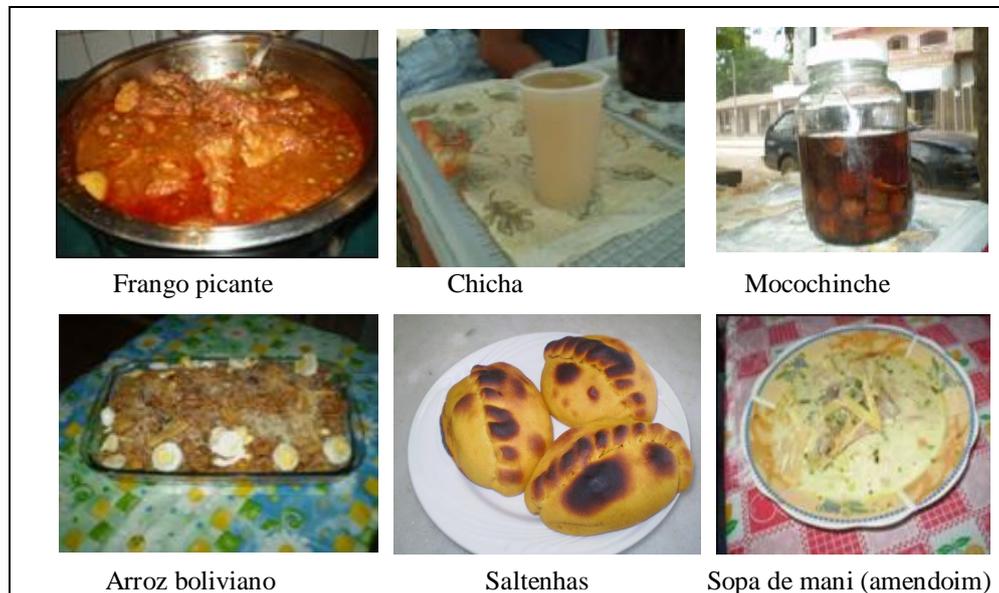


Figura 15. Alguns alimentos típicos da culinária boliviana.

Autor: DIAS, R.T.R., 2010

Quanto às atividades culturais, as músicas e danças típicas mais mencionadas foram: taquirari, chavena, diablada, cumbia, entre outras. É marcante a influência dos povos indígenas que ficaram fortemente preservadas em suas tradições. As danças se revestem de significados, representados nos ritmos e coreografias que lembram suas celebrações religiosas de culto aos deuses da natureza, com diversas denominações. As vestes também denotam a influência espanhola absorvida em seus costumes. Nessas ocasiões podemos notar a alegria de seus ritmos e cores, característicos desse povo (Figura 16).

Também foi observado que, após longos anos distante de sua terra natal esses migrantes foram perdendo o envolvimento com a sua tradição nativa, quer seja no campo cultural de suas festividades, como no cotidiano, visto que absorveram muito mais os costumes locais do que as vivenciadas em suas raízes. Um exemplo disso é o idioma que se mostrou dicotômico. Muitos falaram da importância do idioma como um elo com seu país e de sua transmissão para os filhos, mas contraditoriamente se esforçam para se comunicarem em português. Os filhos nascidos no Brasil falam cotidianamente o português e na maioria das vezes, apenas compreendem e não falam o idioma de seus pais.



Figura 16: Grupo as Morenadas em apresentação nas ruas de Corumbá.

Autor: DIAS, R.T.R., 2010.

Uma hipótese provável – mas que carece de estudos mais aprofundados – é a de que esses migrantes, por terem vindo muito jovem para o Brasil e pela necessidade de comunicação para aceitação na nova terra, teriam se empenhado em absorver os costumes locais, abrindo mão de suas tradições. Outra possibilidade poderia ser o fato que um número significativo desses migrantes era indocumentados⁸, o que também explicaria algumas vezes não se declararem bolivianos, considerando que poderia ser um fator de rejeição ou complicações civis.

Em relação às organizações político-sociais dos bolivianos em Corumbá, destacam o Centro Boliviano-Brasileiro e o Consulado Boliviano, além da Pastoral do Migrante. Em trabalho recente e por iniciativa da Prefeitura de Corumbá/Subsecretaria de Ações da Cidadania, e do Consulado Boliviano, com apoio de diversas entidades foi realizada uma ação social que garantiu a emissão de registro de nascimento para filhos de migrantes bolivianos nascidos no Brasil. Esse direito é garantido por Lei, sendo gratuito para crianças de até doze anos. Essa atividade foi realizada durante o último domingo de fevereiro de 2010 na sede do Centro Boliviano-Brasileiro, contando com a participação da Defensoria do Povo - Bolívia e

⁸ Termo utilizado pelo Coordenador da Pastoral do Migrante para indicar os indivíduos que se estabeleceram na cidade sem visto legal. Possuíam os documentos de seu país de origem, mas viviam de forma clandestina em Corumbá-MS.

de representantes de cartórios daquele país, que proporcionou a obtenção desse direito (Figura 17). O objetivo principal, de acordo com os pronunciamentos das autoridades envolvidas, voltou-se principalmente no sentido de estimular o reconhecimento da cidadania boliviana, além de garantir o exercício de seus direitos legais na Bolívia.



Figura 17. Ação social para cidadania boliviana de crianças brasileiras, filhas de bolivianos residentes em Corumbá, Brasil.

Autor: DIAS, R.T.R., 2010

O atual presidente do Centro Boliviano-Brasileiro (CBB) se referiu a uma proposição dessa instituição onde se evidencia a preocupação de uma efetiva integração do povo boliviano à comunidade corumbaense e, ao mesmo tempo resgatar suas tradições. Para isso o estatuto da instituição vem sendo reformulado de forma participativa e o centro vem programando atividades, como: criação e manutenção de um grupo de dança; conjunto musical que executa canções bolivianas e latinas; inclusão das festas em comemoração da Virgem de Urukupiña e das três bandeiras no calendário cultural de Corumbá, que são comemorativas das virgens Cotoca, Caacupê e Conceição (Bolívia, Paraguai e Brasil), realizadas em 8 de dezembro; utilização do espaço da sede do CBB para a realização de eventos educacionais, sociais e culturais; estímulo do turismo na Bolívia; campanhas de solidariedade, com finalidade social e da saúde para fronteira Brasil-Bolívia (Projeto El Faro), entre outras possibilidades.

A Coordenação da Pastoral do Migrante desempenha papel importante no apoio aos bolivianos, principalmente espiritual, psicológico e também para orientar e acompanhar os procedimentos da regulamentação de estabelecimento na cidade e, em algumas situações,

promovendo pequenos auxílios financeiros. Às vezes esses auxílios são concedidos em forma de passagens nos casos de migrantes que resolvem retornar ao seu país e que não tenham condições de tal ensejo. Na Bolívia, existe a uma organização (ONG) de apoio psicológico aos migrantes que retornam às suas casas, com problemas de desagregação familiar, decorrentes do afastamento de pais e filhos, ou mesmo de casais que migram separadamente e encontram outros parceiros. No caso de retorno ao país de um dos genitores ou mesmo de ambos, os laços afetivos, algumas vezes, já foram corrompidos pelo tempo e pela distância. Além disso, essa instituição promove e participa de pesquisa e debates com a comunidade e governo local sobre questões da migração, em especial Brasil-Bolívia, para a busca de soluções para problemas comuns.

Portanto, esses costumes, práticas cotidianas trazidas dos locais de origem foram mescladas aos hábitos encontrados na nova terra, produzindo um indivíduo culturalmente híbrido. Talvez, as motivações de integração com a população local, pelos motivos já elencados, tenham colocado em risco tradições seculares herdadas de sua origem, daí a importância das ações das entidades sociais representativas desses grupos em Corumbá.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou abordar os aspectos inerentes ao processo migratório e as conseqüências sobre a organização das moradias do migrante boliviano na cidade de Corumbá, Brasil. Neste ponto, se observou que esses migrantes buscaram nesta cidade, primeiramente, melhores condições de trabalho e, a partir daí, se estruturaram para sua permanência e construção de suas moradias. Independente de suas casas serem próprias ou alugadas se notou um padrão aproximado de organização, tanto em Corumbá como em Puerto Quijarro. Na maioria das vezes, se conservou na paisagem a existências de plantações, pequenos animais e espaço para descanso e conversas (Ex. bancos de madeira em frente das casas e plantas). Essas características são comumente observadas tanto nesta cidade brasileira quanto na boliviana.

Com relação aos hábitos e costumes, o que se pode perceber é que apesar desta fronteira ser permissiva, de fácil acesso e trânsito das pessoas, tanto de bolivianos quanto de brasileiros, a fronteira cultural ainda é uma questão a ser transpassada. Esta condição de convivência tão próxima, verificada no cotidiano e manifestada por esses imigrantes deveria ter possibilitado uma maior incorporação de suas práticas tradicionais. Mas o que na verdade se percebeu foi que os migrantes bolivianos assimilaram muito mais do que os brasileiros os costumes de cada povo. A culinária, por exemplo, não foi incorporada aos hábitos locais, com poucas exceções, como a saltenha e o arroz boliviano.

Contraditoriamente o migrante boliviano ao mesmo tempo em que procurou se adequar aos hábitos e costumes corumbaenses, também manteve fortes vínculos com a terra natal, como visto nas participações em festas tradicionais bolivianas, visitas freqüentes a Puerto Quijarro e outras cidades da Bolívia. Essa prática faz com que o migrante boliviano cultive suas raízes ao mesmo tempo em que busca se integrar nas atividades locais como uma forma de se sentir pertencente ao lugar. Suas atitudes são influenciadas tanto pelos hábitos originais quanto pelos locais, transformando a sua maneira de viver, de organizar o espaço de suas moradias e seu relacionamento com a sociedade.

A presença de um novo elemento no relacionamento humano sempre ocorre impregnada de significados, muitas vezes conflitantes, de sentimentos, expectativas e medos, pelo que pode advir. Estes sentimentos ficam muito mais latentes em uma região de fronteira e, em especial nas fronteiras abertas, onde a convivência diária coloca em confronto a sua capacidade de adaptação e transformação. O migrante, neste caso o boliviano, chega ao lugar

com esperança de encontrar um trabalho digno que melhore sua qualidade de vida – afirmativa unânime em todas as entrevistas. Ao mesmo tempo, se mostra receoso com o que vai encontrar, já que está se colocando num novo território, onde tudo lhe é diferente. O habitante local, também manifesta sentimento dual: ao mesmo tempo em que acolhe, sente receio do diferente. Reconhecer as diferenças, que o migrante trás consigo, as formas diferentes de viver e a riqueza de suas experiências contribuem para um hibridismo, uma nova perspectiva daquilo que se pode viver – transformações no cotidiano da sociedade.

O que se percebeu foi um grande desprendimento do migrante boliviano para facilitar a sua aceitação neste lugar, afirmando que aprenderam muito com a vinda para Corumbá e que sempre procuraram “fazer tudo certinho”. Ao mesmo tempo relataram com quase unanimidade a recepção e colaboração dos corumbaenses na vida cotidiana.

A forma de organização das moradias dos bolivianos em Corumbá, se em algum momento foram muito díspares, as singularidades parecem ser mais evidentes no contexto atual, já que foram observadas estruturas muito semelhantes, tanto no aspecto físico, quanto no desenho materializado e no significado atribuído as suas moradias: abrigo, conforto, relacionamento. Estas observações foram fortemente manifestadas quando se referem a casa como um lugar de proteção e também onde se realizam mais frequentemente seus momentos de descanso e lazer.

A pesquisa permitiu observar uma estreita relação entre o povo boliviano e o corumbaense, manifestada nas relações cotidianas. Esta argumentação se reforça nos matrimônios, oficiais ou não, entre brasileiros e bolivianos nos batizados vistos com reciprocidade de nacionalidades. Tal afirmativa é corroborada pela análise da quantidade de crianças envolvidas nesse contexto, considerando que parcela significativa dos casais teve entre cinco e dez filhos, quase todos batizados por casais brasileiros. Portanto, relacionamento pessoal desta fronteira, mostra um cotidiano de tolerância, de aceitação, não se limitando à convivência espacial, as também a solidariedade entre os indivíduos.

Uma das proposições desta pesquisa foi analisar a forma de atuação das redes de cooperação entre os bolivianos que moram em Corumbá com a Bolívia. No discurso desses migrantes ficou evidenciada a importância que essas redes sociais tiveram, na medida em que possibilitaram certo conforto na vinda para o novo território. A participação de amigos e família, as relações de trabalho e escola foram manifestações concretas da existência dessas redes e determinantes nesse processo. Por outro lado, com relação à acolhida que tiveram pelos habitantes de Corumbá essa se mostrou positiva, podendo ser considerada, mesma, como facilitadora de suas permanências na cidade de Corumbá.

Logo, essas redes sociais de migração sempre estiveram presentes ao longo da história, pessoais, civis, sem interferência de instituições formalizadas, governamentais ou não. Entretanto, os formatos de redes sociais de migração foram se modificando ao longo dos anos, o que pode ser corroborado pela participação de instituições como o Centro Boliviano-Brasileiro, o Consulado da Bolívia em Corumbá e a Pastoral do Migrante de Corumbá, que desenvolvem ações, individualmente e/ou em parcerias, visando a adequação e o desenvolvimento social e da cidadania desses migrantes.

O espaço fronteiriço é um lugar de relações híbridas, produzidas pelo contato entre dois povos, de dois países. Assim, as ações políticas devem entender a fronteira como um lugar de transposição, onde as práticas cotidianas quando bem conhecidas, facilitam o planejamento para melhorar a condição de vida dessa população. O corumbaense não se vê como um indivíduo fronteiriço, atribuindo essa condição para o boliviano. Na verdade ambos são fronteiriços, pois dividem um espaço de contato entre dois territórios nacionais. Daí a necessidade de construir algumas estratégias que fortaleçam essa identidade.

As reflexões teóricas e o diálogo com as pessoas – os migrantes bolivianos e seus representantes – se constituíram de importante fonte de conhecimento abrindo as portas e revelando um novo olhar sobre esta região. Entretanto tudo, o que se pode apreender ainda é pouco diante deste universo tão rico e peculiar, impossível de se dimensionar no tempo destinado para a realização deste trabalho.

Dessa maneira, este trabalho foi altamente instigante, mas não pretendeu ser conclusivo; essencialmente, procurou levantar informações a fim de fomentar a discussão sobre esta região de fronteira. É importante reconhecer as particularidades deste território que deve ser visto não apenas como dois espaços político e geograficamente delimitados, mas onde seus cotidianos se entrelaçam, em suas práticas e experiências de vidas. Reconhecer o caráter singular dessa região e que se deve ter um olhar diferenciado é o primeiro passo para planejamento e articulação de ações conjuntas com o mesmo objetivo: desenvolvimento local e qualidade de vida de seus habitantes. O fronteiriço não é um ser sozinho, mas, sobretudo um mutante coletivo!

REFERÊNCIAS

BAENINGER, Rosana; SOUCHAUD, Silvain. Diferenciais da Imigração Boliviana em Corumbá: resultados da pesquisa de campo. *Seminário Internacional Estudos Fronteiriços*. Corumbá: UFMS – MS, 2008.

_____. In: *Taller Nacional sobre “Migración interna y desarrollo en Brasil: diagnóstico, perspectivas y políticas”* - Organizado por la Comisión Económica para América Latina y el Caribe, CELADE-División de Población, com el apoyo y auspicio del Banco Interamericano de Desarrollo (BID), Brasil, Brasília, 2007.

BASSEGIO, Luiz. Migrantes: discriminados e necessários. *Serviço de Pastoral do Migrante*. São Paulo, 2004. Disponível em <http://www.guiadoimigrante.com/artigo.php?idPublicacao=1197>> Acesso em 09 out 2008.

CARVALHO, Vanilde Alves de; GUIMARÃES, Reinaldo Vaz; BEZERRA, Fabiana de Souza. A dinâmica entre as fronteiras: Brasil Bolívia: a relação entre as regiões Pantaneiras e Chiquitanas. XI Encuentro de Geógrafos de América Latina. Anais. Bogotá, 26-30, mar, 2007

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A cidade*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. A questão da habitação na metrópole de São Paulo. Scripta Nova. *Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2003, vol. VII núm. 146(046). <[http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(046\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(046).htm)> [ISSN: 1138-9788]

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; GASTAL, Suzana. Turismo e fronteira: tensionando conceitos. In: *IV Seminário de Pesquisa em Turismo e III Seminário de Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*. Caxias do Sul, 2006.

CATAIA, M. A relevância das fronteiras no período atual: unificação técnica e compartimentação política dos territórios. In: *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Vol. XI n. 245 (21), 2007. Disponível em <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24521.htm>

COSTA, Edgar Aparecido da. Ordenamento territorial em áreas de fronteira. In: COSTA, E.A; OLIVEIRA, M.A.M. *Seminário de estudos fronteiriços*. Campo Grande: Editora UFMS, 2009, p. 61-78.

DIAS, Leila Christina. Os sentidos da rede: notas para discussão. DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. (Org.). *Redes, sociedades e territórios*. 2.ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

GOLGHER, André Braz. *Fundamentos da migração*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2004.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. Anais do *X Encontro de Geógrafos da América Latina*. Universidade de São Paulo, 2005.

_____. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério; BÁRBARA, Marcelo de Jesus Santa. Identidade e migração em áreas transfronteiriças. *Geographia* (UFF). Niterói, v. 5, p. 45-65, 2001.

MACHADO, Lia Osório. Limites, fronteiras e redes. In: STROHAECKER, T.M. et al (orgs.). *Fronteiras e espaço global*. Porto Alegre: AGB-Porto Alegre, 1998, p.41-49.

MAIA, Rui Leandro Alves da Costa. Migrações e redes de relações sociais em meio urbano: um exemplo a partir do Porto. *Revista de Demografia Histórica*, XX, I, 2002, segunda época, pp. 53-80.

MARTINS, Sérgio Ricardo Oliveira. Desenvolvimento local e turismo: por uma ética de compromisso e responsabilidade com o lugar e com a vida. In: *Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local*. Vol. 6, N. 10, Mar. 2005.

MÉNDEZ, R. Inmigración y mercados de trabajo urbanos: tendencias recientes en la región metropolitana de Madrid. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 15 de enero de 2008, vol. XII, núm. 257 <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-257.htm>>. [ISSN: 1138-9788].

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 3.ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. Da necessidade de um pensamento complexo. In: Francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva (org). *Para navegar no século XXI*. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2002.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Fronteira: espaço de referência Identitária? *Revista Ateliê Geográfico*, v. 1, n. 2, dez/2007, p.27-41. Goiânia: UFG, 2007.

OLIVEIRA, T. C. M. D. *Uma fronteira para o pôr-do-sol*. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

PERES, Roberta Guimarães; SOUCHAUD, Sylvain; BAENINGER, Rosana. Mulheres na fronteira Brasil – Bolívia: primeiros resultados. In *XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Caxambu, MG, 2008.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RAPOPORT, Amos. *Vivienda y Cultura*. (Tradução: Conchita Diez de Espada). Barcelona: Gustavo Gill, 1972.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 2.ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.

SAQUET, Marcos Aurélio. *Abordagens e concepções do território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SASAKI, Eliza Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teoria das migrações internacionais. In: *III Encontro Nacional da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP)*. Caxambu, 2000.

SOARES, Weber; RODRIGUES, Roberto Nascimento. Redes sociais e conexões prováveis entre migrações: internas e emigração internacional de brasileiros. *São Paulo Perspec.* [online]. 2005, vol.19, n.3, pp. 64-76. ISSN 0102-8839.

SPM. Serviço Pastoral do Migrante. *Contribuições do SPM. Comunidades de Base Mineiras.* São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.cebsuai.org.br/content/view/251/36/>> Acesso em 10 set 2008.

APÊNDICE A

Plano de entrevista para realização de pesquisa com imigrantes bolivianos residentes na cidade de Corumbá-MS, com a finalidade de realizar a caracterização de moradias nesta cidade e identificar se há e quais são as semelhanças na conformação de suas moradias com a de bolivianos que vivem em *Puerto Quijarro*-Bolívia. Trata-se de uma pesquisa para defesa de dissertação, referente ao Curso de Pós-Graduação em Mestrado de Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal.

Data da entrevista: ___/___/___

Entrevistador: _____

1 Identificação e dados familiares

Entrevistado(a): _____

Data de Nascimento: ____/____/____

Nome do Pai: _____

Nome da mãe: _____

Nº de residentes na casa: _____ Adultos: _____ Crianças: _____

Com quem vive: _____

Endereço: _____ Bairro: _____

Sexo: F () M () Idade: _____

Se casado(a): Casou-se com: brasileiro (a)? () boliviano(a) () Outro () _____

Se tem filhos:

Quantos? _____ Naturalidade dos filhos: _____

Escolaridade dos filhos: _____

Se adultos, em que trabalham? _____

Qual o idioma de origem? _____

Se os filhos são brasileiros conhecem esse idioma? Sim () Não () Por quê?

2 Escolaridade:

Onde estudou? Bolívia () Brasil () Outro () _____

() Ensino fundamental (incompleto) () Ensino fundamental (até 8ª série)

() Ensino Médio (incompleto) () Ensino Médio (incompleto)

() Técnico () Superior (curso) _____

() Pós-graduação _____

3 Ocupação Profissional:

3.1 Trabalho formal? Sim () Não? ()

() Profissional liberal () Funcionário público () Funcionário de empresa privada

() Empresário () Estudante () Aposentado () Outro _____

3.2 No Brasil, teve trabalhos registrados em carteira? Sim () Não? ()

3.3. O que fazia antes de vir para cá? _____

3.4. Onde trabalha atualmente? _____

3.5. O que faz? _____

4 Dados de migração

4.1. Local de nascimento:

4.2. Em que ano veio para o Brasil? _____

4.3. Com quem veio? (parentes, amigos, família – quais?)

4.4. Se veio antes para outra cidade, quando veio para Corumbá? _____

4.5. Lugares onde viveu antes de vir para Corumbá – quanto tempo em cada lugar:

4.6. Como ficou sabendo da existência de Corumbá?

4.7. O que você imaginava que pudesse realizar/encontrar em Corumbá?

4.8. Qual o motivo que fez com que viesse para esta cidade?

4.9. Estava acontecendo algum fato importante na Bolívia, quando veio para o Brasil? Sim () Não?

() Se Sim, qual era esse acontecimento?

4.10. Esse fato foi determinante na decisão de sair do seu país? () Sim () Não Por quê?

4.11. Veio para o Brasil com visto oficial? Sim () Não? ()

Se não, como foi? _____

4.12. Você é naturalizad(a) brasileiro(a)? () Sim () Não

4.13. Conserva dupla nacionalidade? () Sim () Não

4.14. Quais os meios utilizados para a vinda até Corumbá?

()carro ()ônibus ()trem ()barcos ()animais ()outro _____

4.15. Quais pessoas (parentes, amigos, outros) ou instituições (ongs, igreja, associações, prefeituras, outros) contribuíram para a vinda até Corumbá?

4.16. O que acha que perdeu por ter vindo para outras terras? _____

4.17. Do que mais sente falta?

4.18. O que achou ganhou com a mudança? _____

5 Informações sobre a moradia

5.1. A casa é: () própria () alugada () cedida () outros _____

5.2. Se própria, foi: () adquirida () construída a partir da compra do terreno.

5.3. Se foi construída, foi: () financiada por _____ () por recursos próprios

() mutirão () herança () outra forma _____

5.4. Como era a vida na cidade onde morava?

5.5. Como era a sua moradia no local onde morava anteriormente?

5.6. O que mais gostava na casa onde morava: _____

5.7. O que menos gostava? _____

5.8. O que mudou com a vinda para Corumbá? () Melhorou? () Piorou ()

Por quê? _____

5.9. Se morava antes em *Puerto Quijarro*: O que você acha diferente da forma de organizar sua casa em Corumbá do local que antes morava?

5.10. Se não morava em Puerto Quijarro: Tem idéia do jeito de organizar as casas em *Puerto Quijarro*? O que é diferente de Corumbá? _____

5.11. A sua casa foi organizada ((construída) de forma semelhante às construções de casas na Bolívia?

() Sim () Não Por quê?

5.12. Se não, em que elas são diferentes? _____

5.13. Como era a infra-estrutura do local? O que havia disponível?

() água tratada () energia () asfalto () coleta de lixo

() praça () igrejas () outros _____

O que era diferente daqui? _____

5.14. Em sua casa existe algum espaço dedicado a atividades religiosas? () Sim () Não

5.15. Como esse espaço é organizado? _____

5.16. Qual a área da casa que considera mais importante? Por quê? _____

5.17. Por que escolheu morar no bairro onde está atualmente? _____

5.18. Morou antes em outros bairros? ? () Sim () Não

5.18. Morou antes em outros bairros? ? () Sim () Não

Quais e por quanto tempo? _____

5.19. Contou com algum tipo de apoio local (institucional) para instalação de sua moradia? Sim ()

Não ()

Em caso afirmativo, qual? _____

5.20. O que considera mais importante na composição de uma moradia ideal? _____

5.21. A sua moradia está organizada da forma como gostaria antes vir para Corumbá? Sim () Não

() Por quê? _____

Se não, o que gostaria que fosse diferente?

5.22. Aqui em Corumbá está satisfeito(a) com a forma como está morando? Sim () Não () Por quê?

5.23. Sobre o lugar onde mora:

O que mais gosta? _____

O que menos gosta? _____

5.24. Descreva quantos são e como estão distribuídos os cômodos da casa:

5.25. Elaborar croqui de ocupação de todo o lote. Casa. Quintal. Espaços de lazer. Descrever cada espaço.

6 Costumes e Relações sociais

6.1. Mantém vínculos com pessoas da origem?

Família () Amigos () Profissional () Outros () _____

6.2. Se não, por quê? _____

6.3. Se sim, de que forma: () cartas () visitas () internet () outros _____

6.4. Qual a freqüência? _____

6.5. Que tipo de lazer desfrutava antes da migração? _____

6.6. E aqui?

6.7. Praticava alguma atividade religiosa? Sim () Não () Qual? _____

6.8. Mantém a mesma prática aqui? Sim () Não () Em caso negativo, por quê? _____

6.9. Quais as festas tradicionais do lugar de onde veio? _____

6.10. Mantém essas celebrações aqui? Sim () Não () Em caso negativo, por quê? _____

6.11. Descreva como funciona o seu cotidiano (o que faz e para onde vai - deslocamentos):

Durante a semana: _____

Nos finais de semana: _____

6.12. O que gosta de fazer nos momentos de lazer? _____

6.13. Costuma ir a algum lugar em especial? Sim () Não ()

Se sim, qual? _____

6.14 Costuma ir vai à Bolívia? () Sim () Não Em caso afirmativo:

Com que frequência? _____

Em quais lugares costuma ir? _____

Com qual finalidade?

6.15. Você participa de alguma organização, associação apenas com bolivianos? Sim () Não ()

Qual? _____

6.16. E mista (brasileiros e bolivianos)? Sim () Não () Qual?

6.17. Você é filiado a algum partido político em Corumbá? () Sim () Não

6.18. E na cidade onde morava? () Sim () Não

6.19. Como se relaciona com os vizinhos? _____

6.20. Você é padrinho/madrinha de crianças brasileiras? _____

6.21. Você tem filhos com padrinhos/madrinhas brasileiras? _____

6.22. Em seu país de origem aconteciam festas populares? Quais? _____

6.23. Costumava participar dessas festas? Sim () Não ()

6.24. Quais as festas mais comemoradas em *Puerto Quijarro*? _____

6.25. Como elas acontecem? _____

6.26. Em Corumbá, participa de festas populares? Quais? _____

6.27. O que isso representa para você? _____

6.28. Quais os costumes de seu país que você mantém mesmo morando em outro lugar?

6.29. Quais os costumes aqui de Corumbá que passou a fazer parte de sua vida?

6.30. O que acha da convivência com os brasileiros?

6.31. Nesse sentido, teve ou tem alguma dificuldade que gostaria de mencionar?

6.32. E, alguma experiência positiva, que achou importante?

6.33. Com relação a costumes gastronômicos e culturais:

- O que mais consumiam na Bolívia? _____

- Quais os pratos e bebidas típicas? _____

- Quais as danças típicas de seu país? _____

- Quais são as músicas típicas de seu país? _____

6.34. E aqui em Corumbá, mantém os mesmos hábitos alimentares? Sim () Não ()

O que mudou? _____

6.35. E com relação às músicas e danças, mantém os mesmos hábitos em Corumbá?

Sim () Não ()

O que mudou? _____

6.36. Ensinou aos filhos as tradições e a cultura de seu país? Sim () Não ()

Por quê? _____

6.37. Como define o lugar onde mora?

6.38. Você gosta de morar em Corumbá? Sim () Não ()

Por quê? _____

Observações: _____

APÊNDICE B

Plano de entrevista para realização de pesquisa com instituições governamentais e não governamentais, para responder questões acerca da trajetória dos migrantes bolivianos para a cidade de Corumbá-MS. Trata-se de uma pesquisa para defesa de dissertação, referente ao Curso de Pós-Graduação em Mestrado de Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal.

Trata-se de uma entrevista semi-estruturada onde serão abordadas as seguintes questões:

- Existe um controle estatístico de residências de imigrantes nesse órgão?
- Se sim, qual o número de residências de migrantes bolivianos? _____
- Existe algum programa de apoio habitacional para imigrantes? Sim () Não ()
- Em caso afirmativo, como ocorre esse apoio?
- Existe algum controle do número e residências dos bolivianos que residem em Corumbá-MS? Como é feito esse controle?

Obs.: Como se trata de questões abertas, outras indagações poderão surgir no decorrer da entrevista e serão processadas no momento oportuno.

Pretende-se buscar essas informações primeiramente nos seguintes órgãos:

- Secretaria Executiva de Infra-Estrutura e Habitação - Corumbá-MS
- Delegacia de Polícia Federal de Corumbá - MS
- Serviço Pastoral do Imigrante
- Centro Social Boliviano-Brasileiro